



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O *MAKEOVER* EM FILMES ADOLESCENTES E O IMPACTO DO PADRÃO DE
BELEZA NO COMPORTAMENTO**

BÁRBARA ELMÔR GONÇALVES

RIO DE JANEIRO
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O MAKEOVER EM FILMES ADOLESCENTES E O IMPACTO DO PADRÃO DE
BELEZA NO COMPORTAMENTO**

Bárbara Elmôr Gonçalves

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr^a Cristiane Henriques Costa

Rio de Janeiro
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia **O Makeover em filmes adolescentes e o impacto do padrão de beleza no comportamento**, elaborada por Bárbara Elmôr Gonçalves.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 28/06/2018.

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^{ta}. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação, UFRJ.

Prof^{ta}. Dra. Beatriz Jaguaribe de Mattos
Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Stanford (EUA)
Departamento de Comunicação, UFRJ.

Prof.^a Tatiane Leal
Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)
Professora substituta, UFRJ

Rio de Janeiro
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

GONÇALVES, Bárbara Elmôr.

O makeover em filmes adolescentes e o impacto do padrão de beleza no comportamento. Rio de Janeiro, 2018.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO.

Orientação: Cristiane Henriques Costa

"O que é beleza? Talvez seja a forma do corpo dela ou o jeito que está vestida? Mas se todo o mundo fosse cego, quantas pessoas você impressionaria?"

Boonaa Mohammed

AGRADECIMENTO

Me considero sortuda e abençoada por ter sido colocada no lugar certo na hora certa para conhecer todas as pessoas maravilhosas que impactaram, moldaram e transformaram minha vida desde o começo. Por isso, sou grata a todos aqueles que, por um instante ou ao longo dos anos, fizeram parte minha jornada até aqui. Em primeiro lugar, a minha família, única no mundo, por seu amor incondicional e seu apoio inabalável em cada passo da caminhada. A minhas amigas de escola e de faculdade, que de colegas de classe se tornaram verdadeiras irmãs, e sem as quais os últimos anos jamais teriam feito tanto sentido. A meus professores, que me ensinaram a caminhar, me guiaram nos primeiros passos e me inspiraram a tomar meus próprios rumos. Por fim e acima de tudo, a Deus, por todas as bênçãos pelas quais sou grata e por todas aquelas que nem imagino.

GONÇALVES, Bárbara Elmôr. **O *makeover* em filmes adolescentes e o impacto do padrão de beleza no comportamento.** Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar as diferentes maneiras como o padrão de beleza pode impactar a vida da jovem adolescente a partir do momento em que ela passa por uma transformação de visual (o *makeover*). O objeto de estudo é o cinema *teen*, com recorte para cinco filmes norte americanos lançados entre 1995 e 2015 que se propõem a retratar essa experiência. O estudo é guiado pelo livro "The Makeover in Movies: Before and After in Hollywood Films, 1941–2002" (2004), das autoras Elizabeth A. Ford e Deborah C. Mitchell. Dentre os aspectos observados, destacam-se a socialização, os relacionamentos românticos e a autoestima dos personagens, com atenção especial para a maneira como eles são afetados pela aparência do indivíduo. Outros pontos importantes são a caracterização física do "antes" e do "depois", a formulação de um padrão para o processo do *makeover* e os diferentes efeitos observados tanto pela personagem principal quanto por aqueles ao seu redor após a mudança de visual.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. A CULTURA DA BELEZA NO CINEMA E O PAPEL DO *MAKEOVER*

- 2.1 O padrão de beleza como ferramenta de controle na sociedade
- 2.2 A fórmula de Cinderela: o makeover como ferramenta de ascensão social
- 2.3 O gênero makeover nas telas de cinema

3. *MAKEOVER* E ADOLESCÊNCIA: O PADRÃO DE BELEZA COMO CHAVE PARA O AMOR, A POPULARIDADE E A APROVAÇÃO

- 3.1 A relação entre beleza e popularidade para os adolescentes americanos
- 3.2 O makeover na perspectiva da fada madrinha em *As Patricinhas de Beverly Hills* (1995)
- 3.3 O príncipe encantado como fada madrinha em *Ela É Demais* (1999)
- 3.4 O makeover pela popularidade e a cultura do bullying em *Meninas Malvadas* (2004)

4. APARÊNCIA *VERSUS* ESSÊNCIA NA ERA DO *MAKEOVER*

- 4.1 O makeover e a autoconfiança em "O Diário da Princesa" (2001)
- 4.2 A nova face do makeover em "The DUFF: Você Conhece, Tem ou É" (2015)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. FILMOGRAFIA

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8. ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

A crença de que a aparência pode exercer influência direta no comportamento e nas relações sociais de um indivíduo se fez presente em muitas obras literárias e cinematográficas ao longo da história. Mais do que uma ferramenta de entretenimento, essa premissa é um reflexo da real preocupação de pessoas de todas as faixas etárias, sobretudo as mulheres. Para além da "aparência ideal" valorizada em determinado contexto, existe um desejo profundo de pertencimento que está atrelado à identificação com os demais integrantes de um grupo ou classe social.

Com os avanços na tecnologia e na ciência que ocorreram ao longo do século XX, vivemos a época em que o consumo de cosméticos, a realização de procedimentos estéticos e os cuidados com a aparência se difundiram e popularizaram. Nesse cenário, as obras que abordam o impacto das transformações físicas na vida de um personagem se tornaram muito populares. Protagonistas adotavam um novo corte de cabelo, renovam o guarda-roupa e, de repente, suas vidas eram transformadas da noite para o dia. Se nas telas de cinema essa mudança de vida só era possível para atrizes famosas e naturalmente belas, os programas de TV como "Esquadrão da Moda", "Mude o Meu Look" e "10 Anos Mais Jovem", além de os artigos de revistas femininas, ajudaram a popularizar o formato "faça você mesmo" e propagar a ideia de que essa reviravolta estava a alcance da cidadã comum.

Assim como outras construções sociais, não demorou para que o conceito de *makeover* penetrasse o imaginário adolescente e as complexas relações sociais no ambiente escolar, sejam amorosas, sejam no sentido da popularidade. Independente da trama de cada obra, os filmes voltados para esse público abordavam a transformação da protagonista seguindo um padrão: a jovem ajustava sua aparência para se parecer com as colegas mais "belas" de repente era vista de uma maneira diferente pelos demais personagens. Como em uma analogia ao sistema de classes, quem antes era considerado inferior só precisava de um visual novo - considerado "correto" e, portanto, "melhor" naquela escala de valores - para avançar os degraus na escada em direção à aceitação e ao sucesso. A popularização dessa premissa ajudou a propagar da ideia de que pertencer a um grupo é só uma questão de se parecer com seus demais membros.

Surge, assim, um novo gênero na indústria cinematográfica: os filmes de *makeover*. As tramas onde uma mudança de visual catapulta ou colabora para o desenvolvimento dos

acontecimentos que movem a trama se tornam sucesso entre mulheres de todas as faixas etárias, sobretudo as mais jovens. A premissa é de que a beleza pode ser alcançada por aquelas que se esforçarem para tal - e, partir disso, se tornarem merecedora dos benefícios que acompanham a aparência "correta" como um namorado igualmente atraente, popularidade e sucesso. Ainda que não estejam diretamente relacionados, esses elementos são interligados pela crença de que o conceito de meritocracia pode ser aplicado à busca pelo visual ideal e de que, a partir dessa primeira transformação, outras mudanças serão desencadeadas na vida do indivíduo.

A partir disso, surgem alguns questionamentos: afinal, como a beleza afeta o comportamento dos personagens nesses filmes? Quais são as consequências diretas e indiretas de uma mudança no visual tanto para a trama quanto para a realidade do personagem que passa pelo *makeover*? Essas e outras indagações guiam as reflexões de pesquisadores do ramo nas mais variadas áreas de estudo, desde a psicologia até o marketing, na tentativa de entender como esse sistema é alimentado pelos mesmos indivíduos que "aprisiona" na eterna busca pela perfeição. Essas questões foram o ponto de partida deste trabalho.

O objetivo da pesquisa é observar os efeitos do *makeover* especificamente nos filmes voltados para o público adolescente, com destaque para o recorte de tempo de 1995 a 2015. Como referência, foi utilizado o livro "The Makeover in Movies: Before and After in Hollywood Films, 1941–2002", publicado em 2004 por Elizabeth A. Ford e Deborah C. Mitchell.¹ Na obra, as autoras analisam os principais títulos do gênero *makeover*, o impacto dessa transformação em cada trama e a maneira como cada um oferece sua própria abordagem à fórmula que se repete em praticamente todos os longas desse estilo até os dias de hoje.

O presente trabalho foi dividido por temática para estudar diferentes aspectos desse fenômeno. No capítulo "A cultura da beleza no cinema e o papel do *makeover*", observamos as mudanças na cultura da beleza ao longo do tempo e como ela se adaptou às transformações que ocorreram na sociedade com o decorrer dos séculos. Analisamos também como a busca pela perfeição atrelada ao princípio de feminilidade é utilizada para

¹ FORD, Elizabeth A.; MITCHELL, Deborah C. **The Makeover in Movies: Before and After in Hollywood Films, 1941–2002**. Carolina do Norte (EUA): McFarland, 2004. 230 p.

alimentar as indústrias da moda, da beleza, dos tratamentos estéticos e das cirurgias plásticas por meio da motivação constante da insatisfação da mulher com seu corpo. "Certamente, há provas de que muitas mulheres reais cultivam ansiedades por causa de si mesmas e de seus corpos, e há diversos 'ajudantes' aguardando avidamente uma chance de 'corrigir' o que está errado." (FORD & MITCHELL, 2004, p.205)²

Apesar de essas obras serem desenvolvidas com o objetivo de funcionarem como ferramentas de entretenimento, não podemos separar as produções midiáticas de seu papel social de propagar ideias e valores. Sendo assim, por mais inocentes que as tramas de *makeover* possam parecer, elas podem - e costumam - influenciar o imaginário do público, especialmente seus integrantes mais jovens. Por isso, precisam ser responsabilizadas pelas inseguranças que invariavelmente ajudam a difundir, mesmo quando alegam ter a intenção contrária.

Outro ponto importante do primeiro capítulo é o impacto do filme "Cinderela" (1950), de Walt Disney Productions, no estabelecimento do molde da trama de *makeover* reproduzido até hoje em todos os títulos do gênero. O apelo do conto de fada reside na premissa de que a beleza pode ser uma poderosa ferramenta de ascensão social e que esse potencial pode estar "escondido" em qualquer pessoa, apenas aguardando uma fada madrinha que a faça desabrochar. "O poder de Cinderela surge de uma mudança mágica na aparência, que, em um determinado momento, revela sua beleza para o mundo" (FORD & MITCHELL, 2004, p.30)³. A partir da descoberta desse "potencial" da princesa, sua vida é transformada completamente. Essa trama é até hoje uma referência para a construção de narrativas de romance e desenvolvimento da autoestima; ao longo do primeiro capítulo, entendemos por quê.

Estudamos também a maneira como a cultura do *makeover* migrou das telas de cinema para a vida real por meio da combinação de ideias de meritocracia, busca por pertencimento e divisão de classes sociais. Nesse contexto, destacamos a relação entre beleza, felicidade e amor, que não apenas influencia como direciona muitas das tramas voltadas para o público feminino ao longo das décadas. Observamos como essas questões

² "Certainly, there's proof that many real women harbor anxieties about themselves and their bodies, and that plenty of 'helpers' avidly await a chance to 'fix' what is wrong." Tradução do autor.

³ "Cinderella's power stems from a magical change in appearance, which, in one focused moment, reveals her beauty to the world" Tradução do autor.

são abordadas em alguns títulos clássicos do gênero e, a partir disso, examinamos seus reflexos no contexto social da época em que foram lançados.

No capítulo "Makeover e adolescência: o padrão de beleza como chave para o amor, a popularidade e a aprovação", o foco do estudo é direcionado para os filmes *teen*. Por isso, começamos observando a relação entre o padrão de beleza e a popularidade, analisando como a aparência "correta" pode impactar a experiência de socialização nessa faixa etária e estar diretamente relacionada ao desenvolvimento de relações amorosas e à integração de diferentes círculos sociais naquele meio. Como objetos de estudo, destacamos os filmes "As Patricinhas de Beverly Hills"(1995), "Ela É Demais" (1999) e "Meninas Malvadas" (2004).

Em cada um deles, a transformação na aparência das personagens influencia diretamente a maneira como elas são vistas por seus colegas - ao se tornarem "bonitas", elas são aceitas pelos alunos populares, conquistam atenção dos rapazes do colégio e têm atitudes que, com o visual antigo, não tinham. Em alguns casos, esses são desejos da protagonista do *makeover*, que é utilizado na trama como recurso para que ela realize esses sonhos. Em outros casos, a jovem em questão não tem nem expectativas sobre esses assuntos porque não acredita no valor deles. Após a transformação, no entanto, fica claro que ela nunca se permitiu almejar essas coisas porque não acreditava que estavam a seu alcance. De uma forma geral, sua proposta é mostrar que o objetivo do *makeover* não é transformar a personagem em uma nova pessoa, e sim em uma versão aprimorada de si mesma.

O que faz do *makeover* no cinema uma forma moderna de uma narrativa de transformação muito mais antiga, no entanto, é a ênfase em autenticidade, no "verdadeiro" eu revelado para o mundo por meio de uma aparência melhorada. Em outras palavras, o que define o *makeover* em seu projeto central: externalizar o charme e a beleza interior o indivíduo. A fantasia do *makeover* no cinema, portanto, não é se tornar uma nova pessoa inteiramente, mas se transformar em si mesmo mais completamente. (DANCEY, 2005, p. 239)⁴

⁴ "What makes the makeover in film a modern form of the much older narrative trope of transformation, however, is its emphasis on authenticity, the 'real' self revealed to the world through an improved appearance. In other words, what defines the makeover is its central project: to externalize one's inner charm and beauty. The fantasy of the makeover in film, then, is not becoming someone else entirely, but becoming oneself more fully." DANCEY, Angela Clair. **Before and After: The Makeover in Film and Culture**. 2005. 265f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Inglês, Ohio State University, Ohio. Disponível em: <https://etd.ohiolink.edu/pg_10?0::NO:10:P10_ACCESSION_NUM:osu1126899524>. Acesso em: 10 jun. 2017Tradução do autor.

Ao longo do capítulo, as diferenças e as semelhanças entre esses *makeovers* e suas consequências para o status das personagens dessas obras são examinadas e comparadas a fim de entender seu papel na narrativa. O objetivo é compreender porque alguns desses elementos preservam um apelo que atravessa gerações e marcam presença em praticamente todos os títulos desse gênero cinematográfico, ao mesmo tempo que não parecem compactuar com a mensagem de autoconfiança e beleza interior que essas obras tentam transmitir para a audiência.

Ao observar a maneira como cada um desses filmes constrói a narrativa do *makeover*, fica claro que existe uma fórmula para o êxito da trama - incluindo detalhes específicos para a aparência da personagem antes e depois da transformação, a criação de uma estrutura de poder desigual entre ela e seu interesse romântico na hierarquia social vigente e a reprodução de figuras que conduzem a trajetória da protagonista, cumprindo os papéis de "fada madrinha" e "príncipe encantado" de acordo com os moldes de "Cinderela". Em alguns casos, esses papéis são combinados em um único personagem para proporcionar uma nova dinâmica para os relacionamentos entre os indivíduos. Ao longo do capítulo, essa fórmula é examinada e desconstruída com base na frequência em que seus elementos são reproduzidos nos filmes selecionados e nos efeitos provocados por eles.

Na última parte da pesquisa, intitulada "Aparência *versus* essência", nos dedicamos ao estudo de dois longas que, por diferentes motivos, se aproximam e se distanciam da fórmula supramencionada. Ao mesmo tempo que reproduzem alguns clichês que acompanham o gênero desde sua concepção, eles tentam equilibrar essa busca por aprovação com temas mais contemporâneos como bullying, feminismo e a cultura dos boatos. A proposta é mostrar como títulos mais recentes encontram maneiras de resgatar o molde do *makeover*, que é uma fonte de entretenimento há tantas décadas, sem sacrificar seu compromisso com a realidade dos jovens da atualidade, que já não é mais a mesma da época de auge do gênero.

"O Diário da Princesa" (2001) coloca no centro da trama uma personagem cujo *makeover* é consequência de uma mudança maior ocorre em sua vida, e não o contrário, como costuma acontecer nessas obras. Essa diferença faz com que a protagonista perca a autonomia sobre seu processo de transformação e tenha que lidar com uma sensação de inadequação que vai muito além de um corte de cabelo. Ela é princesa por sangue, não por

casamento, então a princípio é merecedora do título desde o momento do nascimento. No entanto, acaba tendo que mudar seu visual para estar "à altura" do *status*. Seu *makeover* afeta de maneiras diferentes sua relação tanto com aqueles ao seu redor quanto consigo mesma, já que está intimamente ligado às reviravoltas que a levam a questionar tanto sua origem quanto seu destino.

Já "The DUFF: Você Conhece, Tem ou É" (2015), um dos títulos mais recentes do gênero, oferece uma abordagem autocrítica e metalinguística do fenômeno do *makeover* como um todo, questionando os limites do poder da transformação física para promover uma mudança efetiva na hierarquia social do ensino médio. O filme tem como protagonista uma personagem que escolhe não passar por uma reformulação completa - apenas transformações temporárias - em seu visual porque entende que sua individualidade vai além de sua fisionomia. Isso é visto por ela tanto de uma maneira boa, por torná-la única em seu meio, quanto de uma maneira ruim, por provocar uma sensação de inadequação que não pode ser mascarada por um novo estilo. Essa dualidade direciona sua jornada rumo à autoconfiança e ao amor verdadeiro.

De maneiras distintas, cada um dos cinco filmes utilizados como objetos de estudo ao longo dessa pesquisa aborda a cultura do *makeover*, o padrão de beleza e a sociedade de consumo sob uma perspectiva distinta. Simultaneamente, eles se aproximam ao utilizarem a mesma fórmula para a transformação que conduz suas tramas. Sendo assim, por mais que contem histórias únicas com personagens próprios em um universo particular, todos eles levantam questionamentos semelhantes, sobre como o padrão de beleza influencia a relação dos adolescentes entre seus grupos e consigo mesmos e como a cultura do *makeover* afeta esses relacionamentos ao estabelecer um acesso mais democrático (ainda que seletivo) a esse ideal. Nas palavras de Ford e Mitchell, "não importa o que o 'final feliz' implica, o ponto central é a tensão entre a identidade interna e a externa representadas na tela" (FORD & MITCHELL, 2004, p. 207)⁵

⁵ "No matter what the "happy" endings imply, the crux lies in the tension between internal and external identity acted out on screen." Tradução do autor.

2. A CULTURA DA BELEZA NO CINEMA E O PAPEL DO MAKEOVER

A palavra “beleza”, por definição, se refere a tudo que é considerado agradável aos olhos. Por ser comumente associada a conceitos como simetria, equilíbrio, admiração e harmonia, ela implica a ideia de que o visual considerado belo é aquele que se aproxima da perfeição. Essa comparação se baseia na definição de critérios que separam o belo do feio, o perfeito do imperfeito e, portanto, o bom do ruim. Segundo Umberto Eco:

“Belo” - junto com “gracioso”, “bonito” ou “sublime”, “maravilhoso”, “soberbo” e expressões semelhantes - é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que gostamos. Nesse sentido, parece que o que é belo é o mesmo que o que é bom e, de fato em vários períodos históricos houve um laço estreito entre o Belo e o Bom. (ECO, 2004, p.8)⁶

Apesar da subjetividade desses termos, toda a história da espécie humana é marcada pelo estabelecimento de padrões e ideais de beleza que os indivíduos, sobretudo do sexo feminino, se esforçam para alcançar, independentemente de suas particularidades genéticas. "Se julgarmos com base em nossa experiência cotidiana, tendemos a definir como bom não apenas o que gostamos, mas também aquilo que gostaríamos de ter para nós mesmos." (ECO, 2004, p.8)⁷

Essas singularidades muitas vezes incluem os traços tradicionalmente associados a uma determinada região do planeta, como os olhos amendoados dos povos da Ásia Oriental. Características como essa perdem espaço diante de um ideal de beleza predominantemente eurocêntrico, que valoriza traços como a pele caucasiana, a estatura alta, o corpo magro e o cabelo liso. Essa massificação do conceito de beleza que valoriza traços ocidentais muito se deve à crescente exposição de imagens de celebridades que se encaixam nesse padrão, indiretamente determinando ele como "bom" - seguindo essa lógica, os corpos que fogem desse ideal seriam considerados "ruins".

Essas definições são as responsáveis por alimentar a constante busca por aprimoramento do visual entre os indivíduos, que vem a configurar o fenômeno do *makeover*, termo que se refere a uma remodelação da aparência de uma pessoa. A pressão

⁶ "'Beautiful'—together with 'graceful' and 'pretty', or 'sublime', 'marvelous', 'superb' and similar expressions—is an adjective that we often employ to indicate something that we like. In this sense, it seems that what is beautiful is the same as what is good, and in fact in various historical periods there was a close link between the Beautiful and the Good." ECO, Umberto (org.). **On Beauty**. London: Secker & Warburg, 2004, p.8
Tradução do autor.

⁷ "If we judge on the basis of our everyday experience, we tend to define as good not only what we like, but also what we should like to have for ourselves" Tradução do autor.

para ser aceito e visto como belo é o que impulsiona o crescente mercado de cirurgias plásticas e dos procedimentos estéticos, em geral voltadas para a "correção" de tudo aquilo que foge ao ideal. Um exemplo desse movimento é a popularização cirurgias realizadas pelas mulheres asiáticas para conquistarem uma aparência mais "ocidental", incluindo remodelação dos olhos, do contorno do rosto e do nariz.⁸ Tudo isso transformou a cultura da beleza em uma verdadeira ferramenta de controle, incorporada ao imaginário popular por meio de diferentes veículos de comunicação, dentro os quais se destaca o cinema.

2.1. O padrão de beleza como ferramenta de controle na sociedade

Com as mudanças que a sociedade atravessou ao longo dos séculos, incluindo transformações na estrutura das comunidades e nas dinâmicas sociais, a concepção de beleza também passou por alterações. Em cada momento histórico, a definição da aparência ideal se baseou na proposta da exclusividade. Bonito é aquilo que todos almejam mas poucos alcançam. Em diferentes momentos do passado, o corpo voluptuoso, curvilíneo e pálido foi valorizado por indicar fertilidade, boa saúde e riqueza - tanto pelo acesso a uma alimentação farta quanto pelo luxo de não precisar se movimentar ou se expôr ao sol para satisfazer suas vontades e necessidades.

Com o passar dos anos, as mudanças na definição de riqueza e das características valorizadas na figura feminina acabaram alterando também o conceito de beleza. Atualmente, um corpo magro, definido e bronzeado indica uma vida privilegiada, não apenas pelo acesso a alimentos de melhor qualidade, mas também pela disponibilidade de tempo e recurso para praticar de exercícios e tomar banhos de sol recreativos.

A partir dessa premissa, fica claro que a beleza não se resume a uma aparência agradável, ao corte de cabelo da moda ou a um rosto de proporções perfeitas. Na verdade, ela está também intimamente conectada aos conceitos de felicidade e sucesso, tornando-se

⁸ **ASIAN Patients Seeking Plastic Surgery To Appear More ‘Western’**. Huffington Post, Nova Iorque (EUA). 23 mai. 2011. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com/2011/05/23/asian-patients-seek-plastic-surgery-western-look_n_865627.html> Acesso em: 23 abr. 2018

um fator de distinção social. Na pesquisa “Physical Attractiveness and Social Status”⁹, publicada em 2014 na revista online *Sociology Compass*, as psicólogas Lisa Slattery Walker e Tonya Frevort, da Universidade da Carolina do Norte em Charlotte, nos Estados Unidos, afirmam que é natural para o ser humano associar a beleza à outras características positivas, como competência e simpatia. Essa percepção pode proporcionar vantagens em situações sociais e profissionais que, a longo prazo, podem efetivamente influenciar a jornada a caminho da popularidade, da riqueza e do sucesso desses indivíduos.

“Os efeitos da atratividade podem acumular ao longo do curso de uma vida, de tal forma que indivíduos atraentes conquistam influência que compõe, ao longo do tempo, uma certa vantagem social, enquanto indivíduos não atraentes perdem influência de forma a compor, ao longo do tempo, uma desvantagem social.” (FREVERT & WALKER, 2014, p.)¹⁰

Essa proposta de exclusividade, tão intrínseca à definição de beleza ao longo da história humana, desenvolveu um senso de competitividade entre as mulheres. Já que nem todas podem ser a mais bela, a briga pelo título - abstrato, mas irresistível - se torna acirrada. Tem início neste contexto uma luta pelo primeiro lugar de uma disputa silenciosa, que se torna mais explícita à medida que a mulher se afasta de algumas obrigações antigas, como ser a dona de casa perfeita ou a esposa dos sonhos, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial. “A ocupação com a beleza, trabalho inesgotável porém efêmero, assumiu o lugar das tarefas domésticas, também inesgotáveis e efêmeras” (WOOLF; 1992, p.20).

Nesse momento, com a entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho, nos ambientes acadêmicos e nos espaços que antes eram majoritariamente exclusivos dos homens, a pressão pela perfeição não deixou o cotidiano das mulheres, ao contrário do que muitos acreditam. A verdade é que um novo ideal de comportamento e aparência se instalou gradativamente no imaginário popular. A mudança de paradigmas que levou a mulher a trabalhar fora e conquistar uma relativa independência não a libertou

⁹ FREVERT, Tonya K.; WALKER, Lisa Slattery. **Physical Attractiveness and Social Status**. *Sociology Compass*, Wiley Online Library, v. 8, n. 3, p.313-323, 18 mar. 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/soc4.12132?referrer_access_token=ws-yAXxl0I9mmM618RgSIIta6bR2k8jH0KrdpFOxC6751-J3OgT-J2vJtA71GeO7iAX_ugdYvXTb2GvckoRMwWoAr8W5rLLHouk1z06JhR8t1--82m0MOhTSy3oQ-hM>. Acesso em: 15 abr. 2018.

¹⁰ "Furthermore, the effects of attractiveness may accumulate over the life course, such that attractive individuals gain influence that compounds over time into general social advantage, while unattractive individuals lose influence that compounds over time into general social disadvantage" Tradução do autor.

completamente; na verdade, impôs a ela um novo tipo de padrão. Em *O Mito da Beleza*, Naomi Woolf descreve essa dinâmica como um sistema de interesse político.

A 'beleza' é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. (...) Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. (WOOLF, 1992, p.15)

Nesse trecho, a autora explicita a existência de uma escala de valores implícita à criação do padrão de beleza. No cenário apresentado, segundo ela, os homens compõem o júri e o grupo que mais se beneficia dessa competição entre as mulheres. No entanto, na prática, a verdade é que elas são ao mesmo tempo presas e predadores. Mesmo sendo diretamente afetadas pela cobrança de um ideal praticamente inalcançável, elas aprenderam a reproduzir essa pressão umas sobre as outras e a usar as mesmas regras que às acorrentam para aprisionar outras mulheres, na tentativa de melhorarem seus próprios posicionamentos nessa escala de medida.

É importante lembrar que o padrão de beleza vai muito além de preencher alguns pré-requisitos para se encaixar na aparência ideal cultuada em um determinado contexto histórico. É a subjetividade do conceito que fortalece o mito. Mais do que ter um visual considerado bonito, é preciso demonstrar um forte apelo social, provocar um senso de admiração, ter uma postura que desperte não só o desejo mas também a inveja, tanto dos homens quanto das mulheres. Essa dualidade de emoções faz com que, ao mesmo tempo que as pessoas se sentem atraídas pela imagem perfeita, elas também se sentem desconfortáveis o suficiente para fazerem o que for preciso para se parecer com aquele ideal.

Essa beleza perfeita tem em seu caráter seletivo sua isca mais perigosa. Como nem todas podem se encaixar nesse padrão, ele se torna muito mais atraente. Mais do que o desejo de ser apenas bela, nasce uma vontade irresistível de estar em primeiro lugar nesse pódio. É justamente a competição gerada pela exclusividade desse padrão que alimentou as indústrias da moda, da estética e da tecnologia cosmética ao longo das décadas. Woolf aponta que “à medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social” (WOOLF, 1992, p.12-13).

O ponto chave da busca pela aparência perfeita é que a beleza não é democrática. Quem não nasce preenchendo naturalmente os requisitos precisa usufruir de todas as ferramentas, tecnologias e recursos disponíveis para conquistar esse "título". Diante disso, a cultura do *makeover*, que incentiva a transformação de visual como estopim para uma mudança de vida, expõe seu caráter meritocrático, "premiando" quem se esforça para se adequar ao padrão.

Embora a idealização da figura da mulher sempre tenha feito parte do imaginário popular, foi a partir do final do século XX, com a popularização do fenômeno das celebridades na sociedade norte-americana e do acesso à informação por meio da tecnologia, que a divulgação da beleza ideal se tornou mais fácil. As revistas femininas permitiram uma relativa democratização do acesso às fotos de mulheres famosas que estreavam os filmes e, mais tarde, os programas de televisão, ratificando suas condições de "musas inspiradoras" para a cidadã comum. Já no século XXI, os sites, blogs e redes sociais ajudaram a divulgar, enaltecer e construir novos padrões para a imagem feminina conforme foram conquistando públicos cada vez maiores, ao mesmo tempo alimentando e reproduzindo essa busca pela perfeição. O surgimento de cada uma dessas tecnologias possibilitou, em suas respectivas épocas, uma propagação em massa - e em escala global - de valores que fizeram das mulheres reféns da própria vaidade.

Dessa forma, fica claro que a beleza se tornou uma forma de algar os indivíduos a uma insatisfação que os leva a consumir cada vez mais produtos e serviços que se propõem a "corrigir" e "melhorar" os corpos em direção à beleza ideal. Essa busca incessante pela perfeição continua a afetar diretamente o comportamento e os relacionamentos de mulheres de todas as faixas etárias ao redor do mundo, sobretudo com o surgimento da internet. Mais do que nunca, somos expostos a um volume cada vez maior de imagens que nos apontam na direção que devemos seguir para nos encaixarmos em um molde. O massificação da sociedade de consumo ajudou a fortalecer a imagem desse padrão de beleza como um produto - não apenas um privilégio que se tem ao nascer, mas um status que se pode conquistar usando os recursos disponíveis da forma correta. Esse princípio coaduna com a teoria das "técnicas de si" observadas pelo filósofo francês Michel Foucault. Ele afirma que essas técnicas

[...] permitem aos indivíduos efetuar por seus próprios meios ou com o auxílio de outros um certo número de operações em seus próprios corpos e almas, pensamentos, condutas e jeitos de ser, a fim de transformar a si mesmas com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (FOUCAULT In: MARTIN et al., 1982, p. 16-19)¹¹

No entanto, mesmo que a própria existência desses recursos implique na ideia de que a perfeição é acessível para todos que possam pagar por ela, é importante lembrar que, em uma competição, nem todos podem ser vencedores. Não poderíamos afirmar, nesse caso, que todas as mulheres podem preencher os requisitos e ser consideradas igualmente belas. Afinal, o reconhecimento de algo como “bom” implica em sua superioridade em relação ao que é considerado “ruim” e é esse o grande apelo da “aparência ideal”. Em realidade, seria a ideia de que nem todas podem ser belas, mas a beleza pode vir de qualquer lugar - e é nessa loteria de possibilidades que nasce a irresistível cultura do makeover.

2.2. A fórmula de *Cinderela*: o *makeover* como ferramenta de ascensão social

Em tradução livre, *makeover* é uma transformação ou remodelação completa de algo ou alguém. No que tange a temática da busca pela beleza ideal, o termo se refere às mudanças realizadas no corpo, no vestuário e muitas vezes no comportamento de uma pessoa para conferir a ela um novo visual, considerado melhor na escola de avaliação da aparência humana. Na mesma medida em que a pressão estética culturalmente exerce mais peso sobre as mulheres, essa indústria da transformação também é mais forte no universo feminino.

Em grande parte dos filmes de *makeover*, a mudança na aparência da personagem não é realizada puramente para satisfação pessoal. Na verdade, ela é uma ferramenta de ascensão social e conquista romântica, não necessariamente nessa ordem. A proposta é de que, com um novo visual, a protagonista poderá realizar seus sonhos. A partir do momento em que ela se parecer com as pessoas do meio que quer integrar, será mais fácil para ela ser aceita pelo grupo. E, por causa da semelhança com seus demais membros, ela poderá se

¹¹ "permit individuals to effect by their own means or with the help of others a certain number of operations on their own bodies and souls, thoughts, conduct, and way of being, so as to transform I themselves in order to attain a certain state of happiness, purity, wisdom, perfection, or immortality." MARTIN, Luther H.; GUTMAN, Huck; HUTTON, Patrick H. (Ed.). **Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault**. Londres: Tavistock Publications, 1988, 166 p. Disponível em: <https://monoskop.org/images/0/03/Technologies_of_the_Self_A_Seminar_with_Michel_Foucault.pdf>. Acesso em: 6 maio 2018. Tradução do autor.

envolver romanticamente com um deles. Sendo assim, o objetivo final da personagem pode ser tanto o homem dos sonhos quanto a popularidade em si - invariavelmente, ela precisa conquistar o visual correto primeiro para atingir sua meta.

Nesse gênero como um todo, a figura do rapaz considerado o interesse romântico da protagonista é muito mais do que um amor verdadeiro; ele tem um grande peso simbólico para a cultura da beleza de forma geral. Ele é um prêmio para quem chega ao final da maratona. Não é aleatório o fato de ele geralmente ser rico, popular em seu meio e bonito de acordo com o padrão vigente na época - ainda que a menina principal geralmente seja apaixonada de verdade por ele, independente de seus atributos físicos e status social. A verdade é que essas características são essenciais para o desenrolar da trama, porque as diferenças que mantêm o casal afastado são a principal motivação para o *makeover*. Seguindo essa lógica, se a personagem se parecer com as demais mulheres do círculo social dele, ela vai merecer estar com ele porque se esforçou para chegar lá.

A conexão entre identificação e atração não é meramente ferramenta de ficção. Um estudo¹² realizado em 2007 pelos pesquisadores Gian C. Gonzaga, Belinda Campos e Thomas Bradbury, da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, observou casais de namorados e cônjuges recém-casados por cerca de um ano e concluiu que indivíduos em relacionamentos próximos costumam apresentar semelhanças com seus parceiros, podendo ficar cada vez mais parecidos com o passar do tempo (2007, p.36). A pesquisa aponta também que semelhança e convergência na personalidade podem promover satisfação no relacionamento porque indicam a possibilidade de que ambos passem experiências emocionais parecidas (2007, p.46)

Sendo assim, o primeiro passo para conquistar o protagonista masculino da trama é chamar sua atenção. Para isso, é preciso que ele enxergue a personagem como alguém digno de seu afeto. A noção de que é preciso se esforçar para conquistar uma pessoa já faz parte do senso comum; no contexto desses filmes, esse esforço é materializado na transformação que é realizada na aparência e no comportamento da personagem em questão. Em *The Makeover in Movies*, Elizabeth A. Ford e Deborah C. Mitchell apontam

¹² GONZAGA, Gian C.; CAMPOS, Belinda; BRADBURY, Thomas. **Similarity, Convergence, and Relationship Satisfaction in Dating and Married Couples**. Journal Of Personality And Social Psychology, EUA, Vol. 93, N. 1, p.34-48, 2007. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/a356/f9f3510c021ebf745252848a5b26252f37e4.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

que, de forma geral, essa passagem não se dá de maneira natural e descomplicada. É justamente o drama de se reinventar que conquista a empatia do público e transforma a protagonista em alguém que merece vencer porque pagou um preço alto para tal.

O *makeover* muitas vezes significa não apenas um novo visual mas também um reposicionamento da heroína em filmes de Hollywood, refletindo a noção particularmente americana de que limites entre classes podem ser cruzados ou nivelados. As personagens femininas [...] nos mostram que um novo penteado, um pouco de maquiagem, lentes de contato, roupas de marca e um par de sapatos elegantes podem abrir algumas portas bem grandes. Quer o movimento dela seja subindo de classe social ou de nível na hierarquia corporativa, o *makeover* físico é a chave, a entrada para um mundo melhor - e um par melhor para o homem que vive lá (FORD & MITCHELL, 2004, p.91)¹³

Esse trecho deixa clara a filosofia propagada pelas tramas do gênero: a aparência é um recurso que pode - e deve - ser usado pelo indivíduo para alcançar seus objetivos. No caso dos filmes de *makeover*, ter o visual certo pode oferecer oportunidades únicas para a personagem que podem afetar diretamente o sucesso de sua jornada em busca de um sonho. Portanto, para conseguir uma promoção na carreira, integrar o círculo social de alunos populares da escola ou conquistar o coração de um determinado rapaz, a personagem precisa ter uma aparência que a aproxime das pessoas que já chegaram lá. É importante que ela *pareça* fazer parte daquele ambiente para que tenha chance de efetivamente ser aceita. O exemplo mais claro para ilustrar essa mensagem é a história de Cinderela, que passou a integrar o imaginário popular com o filme lançado em 1950 pelo estúdio Walt Disney Productions¹⁴.

Cinderela, uma jovem naturalmente bonita mas mal vestida, é tratada como serva pela madrasta e as irmãs postiças. Enquanto realiza os serviços da casa sem reclamar, ela sonha com uma vida melhor longe daquela realidade sofrida. Quando é anunciada a realização de um baile para que o príncipe local escolha sua futura esposa, ela separa sua

¹³ “The makeover often signifies not only a new look but also a repositioning for the heroine in Hollywood films, reflecting the particularly American notion that class boundaries can be crossed or leveled. The female characters [...] show us that an updated do, a little makeup, some contact lenses, a designer outfit, and a stylish pair of shoes can open some pretty big doors. Whether her move is up the class or the corporate ladder, the physical makeover is the key, the entre to a better world - and better fit with the man who lives there.” Tradução do autor.

¹⁴ CINDERELA (Cinderella). Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luske. Produção: Walt Disney. Intérpretes (voz): Ilene Woods, Eleanor Audley, Verna Felton e outros. Roteiro: Bill Peet, Erdman Penner, Ted Sears, Winston Hibler, Homer Brightman, Harry Reeves, Ken Anderson, Joe Rinaldi. Estados Unidos: Walt Disney Productions / RKO Radio Pictures, 1950. 1 DVD (75 min), color. Adaptação do conto "Cendrillon" de Charles Perrault.

melhor roupa para tentar a sorte na ocasião mas suas irmãs malvadas estragam seu vestido para impedi-la de comparecer.

É nesse momento que a mágica acontece: uma fada madrinha aparece para dar a ela uma carruagem, um vestido especial e os famosos sapatinhos de cristal - deixando apenas o alerta de que a magia só dura até meia-noite. Ao chegar ao baile, ela se destaca por ser visivelmente mais bonita e elegante do que todas as outras convidadas - seu vestido chega a brilhar quando ela se movimenta. Esse visual (ver Anexo A) chama a atenção do príncipe e eles dançam por horas, encantados um pelo outro, até a magia chegar ao fim.

Quando o relógio começa as badaladas que anunciam a meia-noite, Cinderela foge para voltar para casa antes que a madrasta perceba sua presença no baile e que suas roupas sejam destruídas, guardando como única lembrança da noite um pé do sapatinho de cristal enquanto o outro é esquecido na escadaria do palácio. O príncipe manda sua cavalaria percorrer o reino inteiro atrás da jovem donzela que roubou seu coração, e a madrasta, percebendo o que havia acontecido, faz de tudo para impedir que Cinderella experimente o outro pé do sapato de cristal, usado pela guarda para identificar a moça certa. Por fim, o bem vence o mal e Cinderela é reunida com o príncipe, casando-se com seu grande amor e realizando o sonho de uma vida mais feliz.

Muitos clichês do gênero *makeover* foram inspirados em cenas dessa obra, como a personalidade dócil e carismática da protagonista e os obstáculos que ela precisa superar para conquistar o que deseja. O ponto chave, no entanto, que movimenta toda a história e alimenta o imaginário feminino desde o lançamento do título é justamente o momento da transformação. Sob os ágeis movimentos da varinha de condão de sua fada madrinha, Cinderela se transforma em uma mulher digna de um título da realeza segundo os padrões vigentes naquele contexto histórico. Quando seu cabelo antes desalinhado é preso em um coque elegante, suas roupas rasgadas pelas irmãs são transformadas em um vestido brilhante e encantador e os pés descalços são cobertos com sapatos mágicos, a sensação que fica para o público é de que algo grandioso está prestes a acontecer.

Assim como nos demais filmes de *makeover*, a beleza da protagonista é mais do que um elemento selecionado para atrair a atenção do público; ela é um ponto central na história. É a beleza de Cinderela que provoca inveja nas irmãs e faz com que elas sabotem o vestido da jovem; é seu rosto angelical que a destaca, desde a primeira cena, das demais

personagens da animação; é seu visual fora do comum que atrai a atenção do príncipe mesmo de longe. Nas palavras do crítico de cinema norte americano Roger Ebert, "É uma regra inquebrável dessa fórmula que o patinho feio seja um cisne disfarçado". (EBERT *apud*. FORD & MITCHELL, 2004, p.75)¹⁵ Não basta que ela vire bonita de repente; a beleza tem que estar lá, escondida, desde o começo, para que o público tenha motivos para acreditar na capacidade de transformação da personagem.

Diante de histórias que seguem essa premissa, a mensagem que fica clara para o público é a de que ser bonito é um superpoder. Essa é a essência da meritocracia que envolve a trama; o esforço da personagem para ter a aparência ideal e a atitude "correta" naquele contexto é a chave para conquistar tudo que ela quiser. Sendo assim, as separações entre classes - seja na sociedade como um todo, seja num ambiente específico de trabalho ou escola - poderiam ser cruzadas de baixo para cima com um novo corte de cabelo e roupas da moda. A passagem de um estilo de vida para o outro, que na vida real é bem mais subjetiva e complexa, ganha um perfil mais acessível.

2.3. O gênero *makeover* nas telas de cinema

A vontade de se transformar para se encaixar em um padrão surge da combinação de um anseio natural por identificação com a pressão social anteriormente analisada. Faz parte da natureza humana buscar o pertencimento a um grupo, mas a sensação de inadequação que impulsiona incessantemente essa jornada é fortemente alimentada pela sociedade há muitas décadas, sobretudo com a massificação do universo das celebridades.

A partir do século XX, com a popularização dos cinemas, os artistas que se destacavam em suas obras se tornaram figuras admiradas pelo público - não só pelo trabalho ou pelo talento, mas também pela imagem. Aos poucos, essas pessoas comuns transformadas em celebridades se tornaram referências de comportamento e de aparência para indivíduos de todas as idades, estabelecendo novos padrões de beleza conforme ganhavam notoriedade.

A grande maioria dos filmes produzidos e lançados pela indústria hollywoodiana se dedica a representar a existência humana em suas mais diversas formas. Por isso, não

¹⁵ "It is this unbreakable rule of this formula that the ugly duckling is a swan in disguise" Tradução do autor.

demorou para que as obras começassem a retratar essa constante insatisfação feminina com o visual em uma série de reproduções da clássica jornada de Cinderela: uma menina bonita mas mal arrumada que recebe de uma fada madrinha a transformação para ir ao baile e acaba realizando o sonho da ascensão social ao conquistar o coração do príncipe. Muitos roteiristas começaram a apostar na reformulação da aparência como ferramenta de condução de suas histórias, alimentando o imaginário popular de que a beleza pode efetivamente transformar a vida de uma pessoa. Surge, assim, um novo gênero cinematográfico, voltado exclusivamente para tramas alimentadas e desenhadas a partir de uma transformação física.

Considerado o primeiro filme de *makeover* em toda a história do cinema, "Estranha Passageira"¹⁶ apresenta Bette Davis no papel que deu início a todos os clichês do gênero. Ford e Mitchell explicam que a protagonista Charlotte Vale (Davis) preenche todos os pré-requisitos de um filme de *makeover* de sucesso. O primeiro deles é selecionar uma atriz já considerada atraente e transformá-la em um "patinho feio" para que só depois, diante dos olhos da audiência, ela se torne um cisne. "Porque o 'depois' é garantido, é o choque do 'antes' e o drama do *makeover*, mais do que o surpreendente produto final, que proporcionam o fascínio." (FORD & MITCHELL, 2004, p.9)¹⁷

Outro elemento fundamental para a construção desse personagem é a composição de um visual ruim o bastante para justificar a transformação, mas cativante o bastante para instigar a curiosidade da audiência. Também é importante que a protagonista do *makeover* tenha uma personalidade agradável, que conquiste a simpatia do público e que crie ao seu redor uma aura de merecimento - como se ela, por ser admirável por dentro, fosse digna de um exterior que combinasse com esse caráter e esse bom coração.

Na realidade, todas as nossas heroínas do *makeover* tem uma grande coisa em comum - elas são todas basicamente seres humanos decentes que passam por experiências de crueldade, mesquinharia, inveja e preconceito antes de seu triunfo final. A audiência responde ao seu calor, sofre com suas afrontas e torce por elas (FORD & MITCHELL, 2004, p.84-85)¹⁸

¹⁶ ESTRANHA Passageira (Now, Voyager). Direção: Irving Rapper. Produção: Hal B. Wallis. Intérpretes: Bette Davis, Paul Henreid, Claude Rains e outros. Roteiro: Casey Robinson. Estados Unidos: Warner Bros, 1942. 1 DVD (117 min), pb. Adaptação da novela "Now, Voyager" de Olive Higgins Prouty.

¹⁷ "Because the after is a given, the shock of the before and the drama of the makeover, more than the astonishing end product, provide the fascination." Tradução do autor.

¹⁸ "In truth, all of our makeover heroines have one major thing in common - they are all basically decent human beings who experience cruelty, pettiness, jealousy, and prejudice before their ultimate triumph. Audiences respond to their warmth, suffer their indignities and cheer them on." Tradução do autor.

Segundo Ford e Mitchell (2004, p.11), a aparência inicial de Charlotte na trama foi recriada tantas vezes desse momento em diante em outros filmes que se tornou uma espécie de fórmula do gênero. No início da trama, ela se apresenta com óculos grandes, roupas que a envelhecem, sobrancelhas pesadas, sem maquiagem e com uma expressão corporal tensa e reprimida. Até o ambiente ao redor dela, com uma chuva forte caindo atrás da janela, indica seu estado de espírito inseguro e desmotivado. Hoje em dia, essa imagem é familiar para qualquer pessoa que já tenha assistido um filme de *makeover*; desde "Cinderela", uma aparência ruim em um cenário triste indica que algo mágico está prestes a acontecer.

O *makeover* de Charlotte (ver Anexo B) vai desde seu penteado até a maneira como a câmera captura a imagem da personagem. Filmada de baixo para cima, a revelação de seu novo visual proporciona um certo alívio ao espectador, provando que ele estava certo ao continuar assistindo o filme, ao acreditar no potencial da protagonista. Agora vestindo roupas elegantes, com o cabelo arrumado de maneira sofisticada, usando maquiagem discreta e sem qualquer sinal de seus antigos óculos, Charlotte exala confiança e independência. Para além da mudança de sua aparência, fica claro que houve também uma transformação em quem ela é.

Essa transformação na atitude da personagem é outro elemento fundamental da fórmula do *makeover*. A partir das mudanças físicas da protagonista, uma série de transformações ocorrem nos mais variados departamentos de sua vida. Com o novo visual, ela passa a ser vista e tratada de outra maneira pelas pessoas a seu redor - o que pode ser observado, dependendo da trama, por meio da conquista de um novo grupo de amigos, das reações de estranhamento dos colegas antigos ou da atenção inédita por parte das figuras masculinas - especialmente se houver um homem específico que a personagem tinha interesse antes do *makeover*, mas que estava fora de seu alcance com a aparência antiga.

Lançado durante a Segunda Guerra Mundial, o filme ajudou a difundir essa mensagem de superação para as mulheres que viviam essa época difícil a partir da transformação de Charlotte.

A mudança física de Charlotte pode ter simbolizado uma realidade política para as mulheres assistindo o filme. A transformação externa faz um paralelo com o drama interno de Charlotte conforme ela começa a assumir o controle de sua vida. Sua admissão de independência e poder,

junto com seu novo visual impactante, pode ter sido o primeiro fator a atrair a atenção das mulheres (FORD & MITCHELL, 2004, p.18)¹⁹

A partir da estreia de *Estranha Passageira*, os filmes de *makeover* conquistaram cada vez mais popularidade. Ainda que cada roteiro tenha seu próprio contexto histórico, desenvolva personagens inéditos e ofereça uma abordagem diferente da questão, as tramas do gênero, de uma forma geral, obedecem à fórmula que nasceu com Charlotte Vale - não apenas nas características físicas da personagem antes e depois da transformação, mas também na maneira como o próprio *makeover* é realizado.

Um bom exemplo disso é a motivação por trás da transformação. Na maior parte das vezes, a decisão de mudar de aparência não parte da personagem. Ainda que ela possa estar insatisfeita com o que vê no espelho, sempre há um mentor para fazer o papel de “fada madrinha” e orientar o "patinho feio" em sua trajetória. No caso de Charlotte, foi sua cunhada Lisa. Geralmente, a transformação é realizada ou incentivada por pessoas do círculo social que o personagem deseja integrar - o que tem mais poder e popularidade naquele contexto. A transformação leva o indivíduo a se parecer fisicamente com os integrantes do grupo, graças ao novo penteado, às novas roupas e à atitude que acompanha a nova aparência, então facilita sua entrada naquela turma.

O Diabo Veste Prada (The Devil Wears Prada, 2006, dir. David Frankel) é considerado o último grande clássico do gênero em que essa fórmula se repete. A obra, baseada no livro de mesmo título escrito por Lauren Weisberger e publicado em 2003, conta a história de Andy Sachs (Anne Hathaway), uma jovem jornalista que consegue um emprego em uma revista de moda sem ter qualquer interesse no assunto - e sua aparência evidencia isso. Os cabelos sem corte, as roupas que não combinam e os sapatos pesados contrastam com o figurino sofisticado e estiloso dos demais colegas de trabalho. Apesar de se orgulhar de sua autenticidade e de acreditar que o talento deveria ser seu diferencial, ela logo se sente insegura com sua aparência devido às reprovações que recebe da chefe, a megera Miranda Priestley (Meryl Streep). Andy então pede ajuda a um de seus colegas, Nigel (Stanley Tucci), para passar por um *makeover*. Na cena seguinte, transformada dos pés à cabeça, ela surpreende a todos no escritório com botas Chanel, roupas de marca e um

¹⁹ "Charlotte's physical change may have symbolized political reality to women watching the film. The exterior change parallels Charlotte's internal drama as she begins to control her own life. Her assumptions of independence and power, along with her striking new look, may have been the primary draw for female viewers." Tradução do autor.

corte de cabelo moderno. O novo visual de Andy (ver Anexo C) afeta diretamente o desenrolar da história a partir desse momento, tanto para o bem - gerando oportunidades para sua carreira - quanto para o mal - custando a autenticidade de que ela sempre se orgulhou.

As semelhanças entre os dois filmes não são coincidência; elas são a prova de que a fórmula funciona e conquista a audiência. "A transformação de patinho feio em um lindo cisne tem um apelo universal e atemporal." (FORD & MITCHELL, 2004, p.67)²⁰. Para além de seu poder como produto cinematográfico, existe também um forte discurso de meritocracia por trás de cada *makeover*. A mensagem que fica é de que a beleza, a aceitação e a admiração estão ao alcance de quem se esforçar para conquistá-las. "Sua transformação está no que ela está disposta a sacrificar" (FORD & MITCHELL, 2004, p. 91).²¹

Segundo as autoras, qualquer possível sofrimento enfrentado pela personagem em sua jornada de transformação é justificado em cena pela realização de um sonho - seja fazer parte de um determinado grupo, seja conquistar o coração de um rapaz. Esse é o preço pago por elas para subir de posição na escala da beleza e, com isso, atingirem seus objetivos, especialmente

no atual clima cultural de Extreme Makeover onde ícones onipresentes de uma beleza impossível (...) reinam e onde as mulheres jovens sofrem com a falta de autoestima a ponto de mutilarem seus próprios corpos ou morrerem de fome para atingirem o ideal majoritariamente porque elas pensam que é isso que os homens querem" (FORD & MITCHELL, 2004, p.82)²²

É importante reforçar que, ainda que a popularidade e o sucesso sejam objetivos recorrentes nas tramas de *makeover*, eles estão sempre associados ao desejo pela aprovação masculina - geralmente, de um homem específico. Aquele que ela sempre ama sem ser retribuída, aquele que faz parte de uma classe social mais elevada, aquele que vive em um mundo fora de seu alcance - pelo menos, antes da transformação.

O *makeover* geralmente funciona como catalisador para a mudança de status social da heroína. A transformação física faz com que ela seja notada por um homem que, de outra forma, jamais teria olhado

²⁰ "The transformation of ugly duckling to beautiful swan had a timeless, universal appeal." Tradução do autor.

²¹ "Her transformation lies in what she's willing to sacrifice for the hero" Tradução do autor.

²² "in the current Extreme Makeover cultural climate where ubiquitous icons of impossible beauty (...) rule and where young women lack self-esteem to the point of mutilating their own bodies or starving themselves to death to achieve the ideal mainly because they think that's what men want" Tradução do autor.

para ela, muito menos a considerado uma parceira em potencial. (FORD & MITCHELL, 2004, p.92).²³

A absorção dessas ideias no imaginário popular fez com que elas passassem a integrar também o cotidiano dos adolescentes. Essa faixa etária, que costuma acomodar jovens dos 13 aos 19 anos, representa uma grande parcela dos consumidores atualmente, que têm suas próprias vontades e necessidades. Nos filmes voltados para esse grupo, o *makeover* é geralmente utilizado como uma ferramenta para que a personagem ganhe popularidade na escola, seja aceita em um novo grupo de amigos e conquiste o afeto de seu interesse romântico.

Apesar de essas características fazerem parte do gênero como um todo, as obras produzidas especificamente para serem consumidas pelos adolescentes apresentam algumas particularidades, que visam refletir com mais veracidade a realidade da vida estudantil. É nesse nicho que a transformação de visual atinge seu potencial máximo - não apenas por afetar os relacionamentos do indivíduo, mas por orientar o comportamento de gerações inteiras.

²³ "The makeover generally functions as the catalyst for the heroine's change as social status. The physical transformation gets her noticed by a man who would never otherwise look at her, let alone consider her as a potential mate." Tradução do autor.

3. MAKEOVER E ADOLESCÊNCIA: O PADRÃO DE BELEZA COMO CHAVE PARA O AMOR, A POPULARIDADE E A APROVAÇÃO

A aceitação social e o sentimento de pertencimento são desejos que permeiam a adolescência nas mais variadas culturas. A ideia de que o valor de um indivíduo está ligado à maneira como ele é visto e recebido pelos demais membros da sociedade é muito forte nessa faixa etária e estabelece uma relação de interdependência entre os integrantes de uma comunidade. Em sua coluna para a revista americana *The New Yorker*, o crítico de cinema David Denby afirmou que "a adolescência é o momento de tempo presente na vida americana. Identidade e status são fluidos: reviravoltas abruptas e devastadoras são sempre possíveis" (*The New Yorker*, 1999, p.96)²⁴. Por isso, esses anseios serviram de inspiração para centenas de filmes e séries voltadas para o público jovem através das décadas.

Diante desse cenário, fica claro por que a aparência ganha um peso ainda maior na construção da autoestima e da identidade de cada pessoa durante essa fase. Uma grande parte dos jovens opta por adotar o visual que acredita ser o esperado ou aprovado pelos outros em detrimento daquele que representa melhor sua personalidade, justamente porque sua identidade costuma estar mais fortemente ligada à comunidade do que à individualidade. Os "outros", nesse caso, são os demais alunos da escola e colegas com os quais convivem diariamente, não os adultos. As roupas, os acessórios e o estilo adotado como um todo são, mais nessa idade do que em qualquer outra, uma ferramenta de expressão e identificação nas salas de aula e corredores das escolas. Essa realidade é mais visível entre os jovens norte-americanos, uma vez que boa parte das escolas dos Estados Unidos não fazem exigência de uniforme, ao contrário das instituições brasileiras.

De acordo com uma pesquisa²⁵ de Natasha Warikoo, professora da universidade de Harvard, nos Estados Unidos, as vestimentas adotadas pelos jovens nem sempre são bem vistas por seus pais, mas são essenciais para a formação dos grupos e construção das amizades nessa faixa etária. Apesar de muitos serem considerados "perigosos" ou "delinquentes" pelos adultos exclusivamente por causa das roupas largas, saias curtas ou

²⁴ "Adolescence is the present-tense moment in american life. identity and status are fluid: abrupt, devastating reversals are always possible." Tradução do autor.

²⁵ WARIKOO, Natasha. **IN A TEENAGE WAISTLAND, FITTING IN**. *The Washington Post*, Washington, DC (EUA), 31 jul. 2005, p.B1. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/07/29/AR2005072902176.html>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

toucas na cabeça, eles se mantêm comprometidos com o visual escolhido sobretudo por causa do que ele simboliza.

Dados os riscos de ser incompreendido por um adulto, por que os adolescentes se vestem do jeito que se vestem? Em suma, pelo status. A maior parte de nós gostaria de ser visto como 'maneiro' ou 'descolado' por nossos colegas, mas para certos adolescentes, esse pode ser o único aspecto de suas vidas que eles podem controlar. (The Washington Post, 2005, p.B1)²⁶

A pesquisadora também observou que, diferentemente dos adultos, esses jovens não têm muita independência nem poder de decisão sobre os principais aspectos de suas vidas, uma vez que, em sua maioria, são menores de idade e ainda vivem com os pais. Por isso, modificar a aparência para se encaixar em um padrão é a única alternativa que muitos deles encontram para migrar entre os grupos e se integrar com diferentes tribos. A explicação é que esse é um elemento de sua identidade que eles podem controlar, até certo ponto.

Adultos de classe média que não são 'maneiros' podem usar sua riqueza, sua educação e seus contatos para melhorar seu status - eles podem encontrar um emprego melhor, comprar uma casa maior, trabalhar mais horas para receber um pagamento maior. Mas para os adolescentes - especialmente os que vêm de famílias mais pobres - esses meios estão, em sua grande maioria, indisponíveis. Por isso, o status social realmente importa. (The Washington Post, 2005, p.B1)²⁷

Para compor o visual que consideram adequado, todos os componentes da aparência contam: o cabelo, as roupas, as cores, a mochila, até a maneira de andar e a postura no dia a dia. Todos os elementos de expressão adotados pelos adolescentes colaboram para a formação de sua imagem perante a comunidade. Por isso, eles têm um peso enorme nessa fase da vida de um ser humano. No entanto, é importante lembrar que a "aprovação" de uma pessoa em um grupo não é vitalícia. Com o passar dos anos, é importante que os indivíduos acompanhem as mudanças no estilo e na identidade das tribos que integram para que mantenham sua posição no grupo. Afinal, como pontuado por Denby, tudo pode mudar a qualquer momento.

Por isso, muitos dos filmes *teen* representam a noção de popularidade como um título baseado em meritocracia. É preciso merecer uma vaga nesse grupo, e é na tentativa de

²⁶ "Given the risks of being misunderstood by adults, why do teens dress the way they do? In a nutshell, for status. Most of us would like to be seen as hip and cool by our peers, but for certain teens, this may be the only aspect of life they can control." Tradução do autor.

²⁷ "Uncool middle-class adults can draw upon their wealth, education and contacts to improve status -- they can find a better job, buy a bigger house, work longer hours for more pay. But for teens -- especially those from poorer households-- these means are for the most part unavailable. Hence, peer status really matters." Tradução do autor.

preencher os requisitos de beleza e estilo - e, com isso, conquistar um espaço entre os populares - que muitos personagens passam por um *makeover*. Geralmente guiados por alguém que já faz parte do seleto clube, esses indivíduos encontram em uma nova aparência uma chance de se rerepresentarem para aqueles ao seu redor. A idéia central é a de recomeço; com o novo visual, nasce também uma nova pessoa. As portas se abrem, e a partir dali, qualquer coisa pode acontecer.

3.1. A relação entre beleza e popularidade para os adolescentes americanos

Como observado anteriormente, a aparência é uma poderosa ferramenta de comunicação. Sendo assim, o padrão de beleza não se resume a um rosto simétrico e um corpo esguio; ele pode representar saúde, sucesso e felicidade no imaginário popular. A mensagem que uma pessoa considerada bela transmite é de que ela é alguém que também apresenta outras qualidades e, portanto, de quem vale a pena se aproximar. Por isso, é natural que no contexto da adolescência e no ambiente escolar, onde a formação da identidade do indivíduo é uma preocupação constante, a busca pelo visual ideal seja quase irresistível.

Vimos também que a beleza, até certo ponto, é um produto que está ao alcance de quem pode pagar por ele. Por isso, a capacidade de transformar o visual se torna um superpoder. Uma nova maneira de arrumar o cabelo e combinar as roupas pode afetar diretamente o posicionamento de um indivíduo - sobretudo do sexo feminino - nos círculos sociais de sua escola. A concretização dessa premissa é facilmente observada na maneira como os filmes voltados para adolescentes representam essa realidade. Ainda que haja uma margem de erro devido ao carácter fictício dessas obras, é importante lembrar que

Pesquisas que examinam os efeitos da exposição de mídia demonstram que o consumo de mídia tem uma influência mensurável na percepção que as pessoas têm do mundo real., e, desconsiderando a precisão dessas percepções, elas são usadas para ajudar a guiar subseqüentes atitudes, julgamentos e ações. [...] Baseado nessa pesquisa, [...] seria esperado que o consumo de filmes para adolescentes tivesse uma influência análoga

nas atitudes e crenças baseadas em gênero dos membros de sua audiência. (BEHM-MORAWITZ, MASTRO, 2008, p. 131)²⁸

De forma geral, as personagens consideradas populares do ambiente social escolar são as que atendem aos pré-requisitos para receberem o título de "bonitas", de acordo com os padrões estabelecidos em cada momento histórico. Nos últimos 20 anos, o estereótipo mais presente é o de personagens com boa condição financeira, caucasianos, com boa forma física, cabelos cuidados (ora lisos, ora cacheados, dependendo da época) e roupas da moda. Habilidades esportivas, expostas por meio de posições de liderança em times ou equipes de líderes de torcida, também são frequentes na caracterização desses indivíduos, muitas vezes atuando como parte da justificativas para a popularidade.

No entanto, por mais que seja fundamental ser considerado "belo" para se tornar popular, nem todos aqueles que se encaixam no ideal de beleza recebem o título. O comportamento também exerce um papel fundamental na conquista desse espaço. É popular o indivíduo que continuamente se esforça para ter tal título: o que comparece às festas, participa de atividades extracurriculares, usa roupas da moda, se relaciona com as pessoas certas, tem um bom carro. Nesses casos, a atitude valorizada não inclui uma personalidade agradável ou bom senso de humor, e sim a capacidade de gerar desejo, inveja e até um certo medo nos demais alunos. Eles devem ter admiração suficiente para respeitar aquele poder, e temor o bastante para não questioná-lo.

Diante dessa imagem que representa grande parte dos alunos populares das escolas retratadas nesses filmes, a mensagem que fica é que aquele visual e aquela atitude são necessárias para fazer parte do grupo. Sendo assim, as personagens que desejam integrar tal tribo, usufruir de seus benefícios e/ou se envolver romanticamente com um de seus membros precisam se adequar àquele padrão - tanto de comportamento quanto de aparência.

²⁸ "Research examining the effects of media exposure demonstrates that media consumption has a measurable influence on people's perceptions of the real world, and, regardless of the accuracy of these perceptions, they are used to help guide subsequent attitudes, judgments, and actions. [...] Based on this research, [...] it would be expected that consumption of teen movies would have an analogous influence on audience members' gender-based attitudes and beliefs." BEHM-MORAWITZ, Elizabeth; MASTRO, Dana E.. **Mean Girls? The Influence of Gender Portrayals in Teen Movies on Emerging Adults' Gender-Based Attitudes and Beliefs.** Journalism & Mass Communication Quarterly, EUA, v. 85, n. 1, p.131-146, 1 mar. 2008. Trimestral. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/bba6/1cbce808472d86ad87b13d16f809b5ba39de.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2008. Tradução do autor.

A constante incerteza que permeia a adolescência faz com que o *makeover* ganhe um peso ainda maior entre os jovens. A possibilidade de transformar a aparência e, com isso, mudar de vida, ganhar novos amigos, conquistar um grande amor e se tornar popular é sedutora para quem está sempre em busca de aceitação. Por esse motivo, ao longo da história do cinema, muitos dos filmes voltados para essa faixa etária - e sobretudo para o público feminino - abordam, de alguma forma, o impacto de um novo visual e do padrão de beleza no comportamento e na socialização adolescente.

Nas últimas décadas, esse gênero cinematográfico lançou títulos que resistiram à passagem do tempo e permanecem icônicos geração após geração. As mudanças na sociedade e no desenvolvimento tecnológico afetaram diretamente os adolescentes de cada época, o que garantiu que cada um desses filmes tivesse questões novas para abordar conforme eram desenvolvidos. Suas representações do cotidiano e do comportamento dos indivíduos estão presas à realidade da época em que foram produzidos, mas as reflexões levantadas acerca desses tópicos - identidade, aceitação, pertencimento, felicidade - permanecem atuais e relevantes nos dias de hoje. Por isso, para analisar a importância da beleza e do *makeover* para essa faixa etária ao longo dos anos, os filmes voltados para o público jovem são a melhor ferramenta de pesquisa.

Obras que já se tornaram clássicos do cinema, como *Grease* (1978) e *Clube dos Cinco* (1985), deixam clara a importância que uma nova aparência para a construção do status social. Ambos os títulos exibiram protagonistas que passam por transformações de visual para inspirarem desejo nos homens de uma maneira instantânea e quase caricata, devido à rapidez com que o *makeover* apresentou resultados em cada uma dessas tramas. No entanto, a partir dos anos 90, a abordagem mudou delicadamente, desviando o foco puramente da conquista amorosa e adicionando o peso da popularidade e da aceitação na socialização dos indivíduos.

Por meio da observação das cenas de transformação de aparência, fica claro como a mudança exterior provoca alterações no comportamento e na identidade não só do próprio personagem mas também daqueles ao seu redor. A maneira como os filmes lançados a partir de 1990 abordam o papel da beleza na relação entre popularidade e isolamento, amizade e solidão, aceitação e rejeição revela muito sobre como pensa e age a juventude americana. Essas são as ligações que vamos observar ao analisar três dos principais títulos

do gênero *makeover teen*: *As Patricinhas de Beverly Hills* (1995), *Ela É Demais* (1999) e *Meninas Malvadas* (2004).

3.2. O *makeover* na perspectiva da fada madrinha em *As Patricinhas de Beverly Hills* (1995)

Na maior parte dos filmes de *makeover*, o roteiro acompanha a trajetória da protagonista antes, durante e após sua mudança de visual, capturando as diferentes maneiras como sua aparência afeta seu cotidiano. No entanto, cada obra apresenta uma perspectiva diferente sobre esse tema. "*As Patricinhas de Beverly Hills*"²⁹ é um dos títulos que oferece uma nova abordagem a esse tipo de trama, colocando no centro da história a menina responsável por realizar a remodelação em outra. O longa foi um dos primeiros do gênero a falar abertamente sobre o *makeover* como uma ferramenta de transformação da realidade, chegando inclusive a usar o termo diversas vezes ao longo das cenas.

O filme acompanha Cher Horowitz (Alicia Silverstone), uma jovem de 15 anos que leva uma vida de luxo e popularidade em Beverly Hills, Los Angeles, onde frequenta o ensino médio e mora com o pai Mel (Dan Hedaya), um advogado bem sucedido. Acostumada a ter suas vontades realizadas, ela se frustra ao não conseguir convencer o professor de debate, Sr. Hall (Wallace Shawn), a aumentar sua nota. Sua melhor amiga, Dionne (Stacey Dash), tem a ideia de encontrar um amor para ele, na tentativa de deixá-lo mais feliz e, com isso, fazê-lo distribuir notas mais altas. A escolhida para viver esse romance é outra professora da escola, Srta. Geist (Twink Caplan). Decidida a unir o casal, Cher realiza seu primeiro *makeover* no filme, transformando a aparência da professora para deixá-la mais atraente. Ela retira os óculos e as presilhas de cabelo da Srta. Geist, além de tirar sua jaqueta e mudar seu lenço de pescoço de posição, a fim de deixar sua silhueta e seu rosto mais à mostra. Após escrever uma falsa carta de amor do professor para ela, as jovens começam a ver o plano dar certo quando o casal se aproxima e, logo em seguida, as notas dos alunos melhoram.

²⁹ AS PATRICINHAS de Beverly Hills (Clueless). Direção: Amy Heckerling. Produção: Barry M. Berg, Twink Caplan, Robert Lawrence, Scott Rudin, Adam Schroeder. Intérpretes: Alicia Silverstone, Stacey Dash, Brittany Murphy, Paul Rudd e outros. Roteiro: Amy Heckerling. Estados Unidos: Paramount Pictures / UIP, 1995. (96 min), color. Parcialmente inspirado no romance "Emma" de Jane Austen. Disponível em < <https://www.netflix.com/title/384406> >. Acesso em: 10 jun. 2017

Essa transformação apresenta algumas semelhanças marcantes com a fórmula apresentada inicialmente em *Estranha Passageira*: a retirada dos óculos, a opção por roupas que acentuam as curvas do corpo e a preferência por um penteado considerado "da moda" em detrimento de um "antiquado". O romance como resultado do *makeover* e a associação do amor com a felicidade também são conceitos populares no senso comum e nos filmes de *makeover* em geral. Esses indícios comprovam que, apesar dos 53 anos que separam os lançamentos de ambos os filmes, a receita do *makeover* se manteve atual e continuou apresentando resultados mesmo após mais de meio século de criação.

Inspirada pelo sucesso de seu plano com os professores, Cher se sente motivada a continuar fazendo "boas ações". Seu próximo projeto, como ela mesma define, é Tai Frasier (Brittany Murphy), uma aluna nova do colégio. Desleixada e temida, Tai destoa totalmente dos adolescentes populares; em sua primeira cena, ela chega à aula de educação física usando uma calça larga, uma camiseta estampada e uma camisa xadrez masculina, enquanto as outras alunas vestem camisetas justas e shorts curtos. Nesse momento, a novata é descrita por elas como "totalmente perdida" e "[alguém que] poderia ser uma fazendeira". Quando Cher oferece uma transformação total no visual da jovem e ela se assusta, Dionne explica que *makeovers* são uma especialidade de Cher e que eles dão a ela uma "sensação de controle em um mundo caótico".

De fato, Ford e Mitchell observam que, para Cher, o *makeover* está intimamente ligado ao prazer de poder controlar os elementos ao seu redor. Mais do que ajudar o próximo, ela gosta de determinar a maneira como isso vai ocorrer e os resultados que vai obter. "Há algo intrinsecamente emocionante e satisfatório em moldar o curso de vida de alguém, ou de si mesmo, por meio de uma transformação física" (FORD & MITCHELL, 2004, p.68)³⁰.

O processo de transformação de Tai segue a mesma proposta do da Sra. Geist, consistindo em deixá-la mais próxima do padrão de beleza do círculo social de Cher e Dionne. Elas tiram a coloração vermelha de seu cabelo, dando lugar ao tom castanho natural; ensinam a jovem a usar maquiagem e definir os cachos; chegam até a cortar sua blusa para que deixe a barriga à mostra. Com o novo visual (ver Anexo D) vêm também

³⁰ "There is something intrinsically thrilling and satisfying about shaping another's, or one won's, life course through physical transformation." Tradução do autor.

lições de etiqueta e vocabulário, com o objetivo de fazer com que Tai não apenas se pareça mas também se comporte como os demais alunos populares do colégio.

A combinação de um visual "belo" e um comportamento considerado adequado naquele contexto é fundamental para o sucesso do *makeover*, não só nesse filme como nos demais títulos do gênero. Como vimos, a beleza vai além do apelo visual. A popularidade na *high school* demanda uma atitude que associe o indivíduo a um grupo.

Os resultados do *makeover* de Tai são graduais, especialmente no que tange seu comportamento. Essa é uma questão na qual ela demonstra certa dificuldade; em diferentes cenas, Cher repreende certas ações da jovem, como conversar com o skatista Travis (Breckin Meyer), que faz parte do "grupo dos drogados". Quando ela demonstra o primeiro sinal de seu interesse por ele, Cher afirma que o rapaz não é um namorado adequado para uma "menina respeitável". Nesse momento, ocorre uma cena vital para a compreensão das diferenças de comportamento que separam os populares e os impopulares. Cher explica para Tai que o fato de Travis usar drogas não é o problema em questão, e sim a maneira como ele adota esse hábito. "Uma coisa é queimar um baseado numa festa, e outra é ficar doidona o dia todo". Esse detalhe mostra que a popularidade é muito mais subjetiva do que parece; mais do que fazer as coisas "certas" para merecer o status, é preciso fazê-las da maneira certa. Com esses "conselhos", Cher leva adiante seu *makeover* em Tai.

As intenções de Cher são questionadas por Josh (Paul Rudd), filho de uma ex-esposa de seu pai e estudante de direito, que passa bastante tempo na casa deles para evitar conviver com a mãe. Ele a acusa de estar usando Tai para transformá-la em uma garota superficial como ela. Cher afirma que está apenas tentando deixar a nova amiga mais bem vestida e popular. "A vida dela vai ser melhor por causa de mim". Assim, ela reafirma sua crença na relação entre beleza e felicidade. A mensagem é de que uma aparência que se encaixa no padrão pode transformar a vida de uma pessoa, sobretudo no contexto da adolescência e da busca por identidade. Sobre a relação entre autenticidade e felicidade, Michael Lovelock, professor da Universidade Metropolitana de Cardiff, afirma que

A narrativa do *makeover* se infiltrou nos cantos da vida cotidiana, cristalizando uma série de ideias que aparentam ser de senso comum sobre o que significa ser uma 'boa' pessoa. Na cultura do *makeover*, ter uma boa aparência não significa somente se sentir bem. Mais profundamente, personificar a beleza física ratifica o fato de que o

indivíduo é bom; isto se torna um meio de identificar seu potencial e se tornar verdadeiro com seu 'eu' autêntico. (LOVELOCK, 2017)³¹

De fato, no entendimento de Cher, a felicidade parece estar intimamente ligada com a imagem de um indivíduo, tanto a que ele tem de si mesmo quanto a que os outros ao seu redor enxergam. Para ela, a satisfação pessoal está diretamente relacionada à aparência e à popularidade. Ao proporcionar a Tai um visual belo e fazer dela uma pessoa cuja atenção é desejada, Cher acredita estar oferecendo tudo que a garota precisa para ser feliz.

Motivada pelo êxito no *makeover*, Cher resolve juntar Tai com Elton (Jeremy Sisto), o garoto mais popular da escola, como um casal. Apesar de ser receptivo às investidas da novata, ele acaba declarando sua afeição para Cher, que por sua vez rejeita qualquer possibilidade de se envolver com jovens de sua idade. Ela afirma, em diferentes momentos do longa, que os rapazes do ensino médio são imaturos e não atraem sua atenção dessa forma - mesmo os populares. Nos dias subsequentes, essa convicção é ameaçada com a chegada de um novo estudante no colégio, Christian (Justin Walker).

Cheio de charme e estilo próprio, ele rapidamente conquista a atenção de Cher, mas demonstra certa apatia às investidas da menina. Eles se tornam amigos e vão juntos a uma festa, onde Josh sente pena de Tai, que fica triste ao ver Elton com a nova namorada, e se aproxima dela. Enquanto isso, Cher decide levar adiante sua relação com Christian. Nos dias seguintes, ela o convida para ver filmes em sua casa e prepara uma noite romântica para os dois, mas ele não corresponde a suas ações. Frustrada, ela acaba descobrindo depois que o rapaz é gay, e eles se tornam bons amigos.

Com o pequeno distanciamento que ocorre entre Cher e Tai, a antiga pupila encontra espaço para desenvolver sua própria personalidade para acompanhar o novo visual. Assim, ela começa a tomar as próprias decisões e a ter atitudes que sua mentora desaprova. Após quase sofrer um acidente fatal no shopping, Tai se torna uma celebridade na escola e acaba ofuscando Cher. De forma repentina, ela se vê no centro das atenções. Quando é abordada por Travis no meio de uma conversa, ela rejeita sua aproximação e o humilha na frente de seus novos amigos descolados. Essa cena simboliza uma nova etapa da transformação de

³¹ "The makeover narrative has seeped into the corners of everyday life, crystallizing a series of seemingly commonsense ideas about what it means to be a 'good' person. In makeover culture, looking good doesn't just equate to feeling good. More profoundly, embodying physical beauty testifies to the fact that one is good; it becomes a means of realizing one's potential and of being true to one's authentic self." LOVELOCK, Michael. **The makeover trap**. Aeon, Estados Unidos, 24 jan. 2017. Disponível em: <<https://aeon.co/essays/whats-behind-the-urge-to-uncover-an-authentic-self>>. Acesso em: 6 mai. 2018. Tradução do autor.

Tai. Sua aparência moderna e seu comportamento descolado fazem com que sua atenção seja mais desejada do que nunca e, em pouco tempo, suas atitudes começam a refletir o novo *status*.

Mais tarde, na casa de Cher, ela pede conselhos sobre sua nova paixão: Josh. Surpresa com a revelação, Cher confessa que não acha que o par formaria um bom casal. Revoltada com a rejeição inesperada, Tai chama a amiga de “uma virgem que não sabe dirigir” e elas se desentendem. Diante disso, fica claro que o *makeover* de Tai gerou um efeito dominó: ainda que a mudança na aparência não tenha afetado imediatamente sua personalidade, ela teve um efeito importante em sua popularidade, que, por sua vez, impactou diretamente suas atitudes. Mesmo após se encaixar no padrão de aparência, havia algo que a mantinha um degrau atrás de Cher na escada da popularidade: ela não tinha a mesma autoconfiança. Esta só se manifestou quando ela se enxergou como um indivíduo com validação da comunidade mesmo fora da sombra de sua mentora. Quando se viu no centro das atenções e atraindo o interesse do grupo no qual se sentiu deslocada por tanto tempo, Tai encontrou a segurança que não imaginava que precisava.

Ainda surpresa com a nova dinâmica social ao seu redor e desolada após ouvir as palavras agressivas de Tai, Cher sai para fazer compras e pensar sobre seus sentimentos - expondo, mais uma vez, sua crença na relação entre uma boa aparência e satisfação pessoal, ao optar por roupas novas para amenizar sua tristeza. No entanto, nessa ocasião, o consumismo não oferece o consolo que ela precisa, e a jovem acaba percebendo que sua reação aos sentimentos de Tai vão além da frustração com a perda do "holofote" ou descrença na compatibilidade da amiga com Josh; há também um nível considerável de ciúme. Ela percebe, então, que também está apaixonada pelo rapaz.

De volta em casa, ela decide fazer um *makeover* em si mesma - dessa vez, focando em suas atitudes. Mais do que impressionar Josh, ela também parece estar em busca da sensação de propósito e controle que perdeu ao se afastar de Tai. A jovem se envolve com um projeto de caridade, ajuda o pai na revisão da papelada de um processo e reúne itens para doação a famílias necessitadas. Surpreso com as boas ações e a nova maturidade de Cher, Josh começa a se dar conta de seus próprios sentimentos por ela quando percebe semelhanças entre seus próprios comportamentos e interesses e os da jovem naquele momento.

Apesar de ser recheado de clichês tanto do gênero *teen* quanto do gênero *makeover*, o filme apresenta a problemática da transformação de aparência sob uma ótica até então pouco explorada: a que demonstra seus efeitos tanto sobre o "criador" quanto sobre a "criatura" por meio da humanização da figura da fada madrinha. "O *makeover*, ainda que seja desafiador, é tão literalmente 'concreto' e possível de ser feito que ele empodera tanto quem faz quanto quem recebe. [...] Cher se sente empoderada por seu talento para transformar as outras pessoas." (FORD & MITCHELL, 2004, p.68)³²

Ao contrário do que acontece em "Cinderela", a fada madrinha em "As patricinhas de Beverly Hills" tem nome, sobrenome e uma personalidade completa, incluindo suas próprias inseguranças. Diferentemente das garotas populares que geralmente são retratadas nos filmes voltados para o público adolescente, Cher não se enquadra no estereótipo de malvada. Ao mesmo tempo em que obtém satisfação pessoal ao realizar os *makeovers*, ela não visa exclusivamente seu próprio benefício. Ela genuinamente quer ajudar a Sra. Geist e Tai a encontrarem a felicidade, e acredita de verdade que um novo visual e um novo amor são a receita para o sucesso nessa busca. Quando as coisas não ocorrem da maneira como ela havia planejado, sua frustração é verdadeira. Sua ingenuidade e suas boas intenções equilibram o egoísmo da figura de "patricinha burra", da adolescente superficial, da jovem materialista.

De uma forma geral, tanto Cher quanto Tai são afetadas pelo *makeover* que é feito no filme. Enquanto uma obtém a sensação de controle que deseja, a outra encontra a autoconfiança que lhe faltava. Quando a transformação afeta as atitudes de Tai, fica claro que o desconforto de Cher está na perda do controle que havia conquistado. Quando ela direciona sua energia para transformar a própria vida, descobre uma nova faceta do *makeover*, uma que está diretamente relacionada com as "técnicas de si" de Foucault e que nenhuma disputa por popularidade pode tirar dela: a de encontrar seu verdadeiro eu.

3.3. O príncipe encantado como fada madrinha em Ela É Demais (1999)

³² "The makeover, while it may be challenging, is so literally "hands on" and eminently doable that it empowers both doer and subject. [...] Cher feels empowered by her talent for making other people over." Tradução do autor.

Na história de Cinderela, o príncipe encantado e a fada madrinha são figuras fundamentais para a jornada da protagonista. Ele representa a motivação para a transformação, mostrando tudo que a jovem pode alcançar após passar pelo *makeover*, enquanto a fada é a responsável por possibilitar essa transição. Nos filmes adolescentes, esses papéis costumam ser preenchidos, respectivamente, pelo interesse romântico popular e inacessível da personagem principal e por uma menina com talento para moda já inserida no grupo dos populares. Algumas obras, no entanto, fogem desse formato e combinam o príncipe e a fada em uma única pessoa. É o caso de *Ela é Demais*, filme de 1999 que se tornou um ícone da cultura do *makeover*³³.

Com direção de Robert Iscove e roteiro de R. Lee Fleming, o longa conta a história de Zack Siler (Freddie Prinze, Jr.), um garoto popular que tenta transformar Laney Boggs (Rachael Leigh Cook), uma estudante tímida mas de personalidade forte, em rainha do baile da escola. O filme é uma releitura moderna de *Pigmalião*, peça de 1913 escrita por George Bernard Shaw, e *Minha Bela Dama*, filme de 1964 dirigido por George Cukor e estrelado por Audrey Hepburn e Rex Harrison - outro clássico do gênero *makeover* que coloca um homem como responsável pela transformação da mulher.

Zack é considerado o "rei" da escola. Atleta de destaque e presidente de classe, ele é surpreendido quando sua namorada, a igualmente popular Taylor Vaughan (Jodi Lyn O'Keefe), decide terminar o relacionamento para se envolver com um ex-participante de reality show considerado uma subcelebridade. Enquanto isso, Laney também sofre com a rejeição em sua aula de artes. Apaixonada por pintura, ela se irrita ao ver suas obras criticadas por duas colegas de classe, que afirmam que os quadros da jovem seriam mais valorizados se ela se matasse.

Laney é mais do que uma adolescente tímida que usa a pintura para expressar seus sentimentos. Órfã de mãe, ela vive com o pai e o irmão mais novo e dedica seu tempo às artes ou aos cuidados da casa, em uma referência clara à Cinderela. Para David Denby

³³ ELA é Demais (She's All That). Direção: Robert Iscove. Produção: Peter Abrams, Richard N. Gladstein, Robert L. Levy. Intérpretes: Freddie Prinze Jr., Rachael Leigh Cook, Matthew Lillard, Paul Walker e outros. Roteiro: R. Lee Fleming Jr. Estados Unidos: Miramax Films, 1999 (95 min), color. Parcialmente inspirado na peça "Pigmalião" de George Bernard Shaw. Disponível em <<https://www.netflix.com/title/18957298>>. Acesso em: 12 jun 2017.

(1999), a combinação de um talento especial com uma personalidade introvertida porém feroz posicionam Laney em um estereótipo que cerca o gênero dos filmes *teen*.

A menina excluída costuma ser uma intelectual ou uma artista. (Ela escreve em um diário, desenha ou pinta.) Fisicamente desajeitada, ela anda como uma foca cruzando a praia, e é provável que derrube os livros e fuja aterrorizada quando se vê de frente com um rapaz bonito. Suas roupas, que ignoram a moda dos shoppings, escandalizam as rainhas sociais. Como elas, ela tem língua, mas é ácida e gramatical, tendendo à pungência feminista e à dicção precisa. Ela pode mascarar sua vulnerabilidade com sarcasmo [...], mas mesmo quando tem um ataque ela não pode esconder seu anseio por aceitação. (*The New Yorker*, 1999, p.96)³⁴

Apesar de Laney estar de certa forma acostumada com a rejeição por causa de sua impopularidade, Zack não está. Amargurado com o término de seu relacionamento, ele desdenha da ex namorada diante dos amigos, descrevendo como o visual de Taylor é sua única arma e afirmando que a jovem é "completamente substituível". Ele diz que a Taylor que todos admiram "é uma ilusão, um mito. Se tirar a pose e a maquiagem, sobra uma garota mediana usando sutiã estofado". Convencido de que a popularidade é apenas uma questão de aparência e estratégia, ele reforça sua teoria apontando para uma estudante que passa pelo grupo e comentando com os amigos que ela é "baixinha, [tem] peitos legais, [tem] jeito de Chelsea Clinton. Mas com o estilo certo e o namorado certo, em seis semanas ela seria coroada rainha do baile".

Diante da confiança do galã, um de seus amigos, Dean (Paul Walker), tem a ideia que muda o curso da trama: Zack terá seis semanas para provar sua teoria e transformar qualquer garota em rainha do baile. A escolhida para o experimento é Laney, que - exatamente como o estereótipo descrito por David Denby - passa tropeçando, derrubando seus materiais e vestindo roupas sujas de tinta bem na hora que os amigos selam a aposta. Apesar de hesitar por um momento, Zack aceita o desafio e começa a tentar se aproximar da menina.

Laney resiste às primeiras investidas do rapaz, mas acaba sendo convencida pelo amigo Jesse (Eldon Henson) a levar Zack a uma apresentação do grupo de teatro do qual

³⁴ "The female outsider is usually an intellectual or an artist. (She scribbles in a diary, she draws or paints.) Physically awkward, she walks like a seal crossing a beach, and is prone to drop her books and dither in terror when she stands before a handsome boy. Her clothes, which ignore mall fashion, scandalize the social queen. Like them, she has a tongue, but she's tart and grammatical, tending toward feminist pungency and precise diction. She may mask her sense of vulnerability with sarcasm... but even when she lashes out she can't hide her craving for acceptance." Tradução do autor.

ela faz parte. Incomodada com o repentino interesse do rapaz, ela tenta constrangê-lo ao armar para que ele seja chamado no palco para uma performance. No entanto, ela se surpreende quando ele se sai bem improvisando uma apresentação sobre lidar com a pressão de seu pai. A cena, além de demonstrar uma fragilidade desconhecida do personagem, ainda revela um pouco sobre sua vida dentro de casa e longe de seu reino, a escola. "Zack, ao que tudo indica, odeia ter sua vida toda mapeada diante dele. Como a maior parte dos príncipes encantados, ele resiste à autoridade e ao papel parental." (FORD & MITCHELL, 2004, p.74)³⁵

Após o show, ele a acompanha no caminho para casa, e começa a colocar seu plano de transformação em prática. O primeiro passo, talvez o clichê mais marcante de toda a história dos filmes de *makeover*, é eliminar os óculos da protagonista. Acariciando o rosto de Laney, Zack questiona "Você sempre usa óculos? Nunca pensou em lentes de contato? Seus olhos são muito bonitos". Intimidada pelo contato físico repentino, ela recusa a aproximação e o abandona, indo atrás de um amigo para pegar carona para casa.

Determinado a ganhar a aposta, Zack não se deixa intimidar pela rejeição. No dia seguinte, ele vai até a casa de Laney para convencê-la a ir à praia. Aos poucos, fica claro que, obedecendo a fórmula do *makeover*, Laney também é naturalmente bela não tem consciência de sua própria atratividade. Depois de revelar uma nova faceta de sua beleza sem os óculos na noite anterior, ela surpreende não só Zack como os amigos do rapaz ao tirar as roupas largas na praia e mostrar um corpo esguio em um maiô cavado.

Durante o passeio, Zack consegue persuadi-la a acompanhá-lo na festa de um de seus amigos, apesar de sua relutância inicial. Algumas horas antes do evento, ele visita a casa da jovem levando junto sua irmã, Mackenzie (Anna Paquin), que é a responsável por realizar a parte mais "concreta" do grande *makeover* da protagonista. Horas depois, com as sobrancelhas delineadas, maquiagem feita, cabelo cortado e já sem os óculos, Laney desce as escadas com sapatos de salto e vestido curto - um visual escolhido para ela por Zack (ver Anexo E). Mais uma vez, a fórmula do *makeover* de "Estranha Passageira" é replicada com sucesso; até mesmo a filmagem de baixo para cima do corpo da personagem é recriada para apresentar o novo visual. Essa cena remete também ao formato clássico da

³⁵ "Zack, it seems, hates having his life all mapped out for him. Like most prince charmings, he resists parental authority and duty" Tradução do autor.

anunciação do novo visual de Cinderela na maior parte das versões cinematográficas já feitas da história. "Sua entrada precisa ser poderosa. Afinal, esse é o momento em que ela testa o apelo do *makeover*" (FORD & MITCHELL, 2004, p.39).³⁶

Durante a entrada triunfal da jovem, Mackenzie a introduz como uma "nova, não melhor, mas diferente, Laney Boggs". A primeira vista ela pode parecer uma nova mulher, mas é importante para a trama deixar claro que a mudança foi apenas superficial e que ela continua a mesma menina - a prova disso é que, ao chegar ao pé da escada, ela tropeça e cai nos braços de Zack, que parece encantado com o que vê.

No entanto, encaixar-se no padrão de beleza não foi suficiente para fazer da personagem uma garota popular imediatamente. É importante lembrar que os resultados do *makeover* ocorrem gradualmente. Na festa, o novo visual de Laney causa ciúmes em Taylor, que joga bebida em seu vestido e a humilha na frente de todos. Derrotada e com a roupa suja, ela foge do local, mas é consolada por Zack, que começa a perceber seus reais sentimentos pela menina. Diante do que os olhos não podem negar - a beleza de Laney -, as diferenças que os separam diminuem de peso e ele começa a desenvolver um interesse que vai muito além de ganhar a aposta.

Conforme a menina *nerd* atrai a atenção do garoto mais bonito da escola, o filme adolescente se torna um mito de reversão social - uma fantasia de Cinderela. Inicialmente, o interesse dele por ela pode ser parte de um golpe ou um truque [...]. Mas seu olhar a ilumina, e nós vemos o quão atraente ela é (*The New Yorker*, 1999, p.98).³⁷

No dia seguinte, na escola, a nova aparência de Laney e a fofoca a respeito do incidente da festa ajudam a elevar sua popularidade e a levam a ser indicada a Rainha do Baile. Ela então passa a concorrer com Taylor, que está sensibilizada pelo fim de seu novo relacionamento e se revolta com a situação. Nesse momento, fica claro que, ainda que o comportamento de Laney não tenha mudado muito desde a sua transformação, o dos demais alunos do colégio sim. Com o novo visual da jovem, a reação daqueles ao seu redor é diferente, positiva - demonstrando, mais uma vez, o poder de uma aparência considerada

³⁶ "Her entrance has to be powerful. After all, in that moment, she tests her makeover appeal." Tradução do autor.

³⁷ "As the female nerd attracts the attention of the handsome boy in the senior class, the teen movie turns into a myth of social reversal - a Cinderella fantasy. Initially, his interest in her may be part of a stunt or a trick [...] But his gaze lights her up, and we see how attractive she really is." Tradução do autor.

"agradável" e "bela" para conquistar aceitação e popularidade no contexto do ensino médio.

Enquanto isso, Dean percebe que Zack planeja levar Laney para o baile para impulsionar a vitória dela com a própria popularidade e se preocupa com a possibilidade de perder a aposta. Por isso, ele resolve se aproximar da jovem e convidá-la para o baile primeiro, mas ela recusa. Zack questiona Dean sobre suas intenções com Laney e eles se desentendem. Dean então conta para Laney sobre a aposta e ela, sentindo-se humilhada, obriga Zack confessar a verdade. Nesse momento, ela deixa claro que não se deixará seduzir por roupas novas e um aperitivo de popularidade às custas de seus sentimentos.

Na noite do baile, Laney, ainda irritada com Zack, é convencida pelo pai a ir na festa com Dean, que vai buscá-la em casa. Com um visual elegante e moderno, ela pouco lembra a menina desajeitada que era no começo do filme. O *makeover* da jovem certamente provocou um impacto nos demais alunos da escola, que de repente viram a hierarquia de popularidade da escola abalada por uma garota antes considerada "inferior", mas não foi suficiente para garantir a ela a vitória no baile sem um comportamento que combinasse com o novo visual e assegure-se seu *status*. Os coroados são Taylor e Zack, que estão no palco recebendo seus prêmios quando Jesse, amigo de Laney, escuta os planos de Dean de levar Laney para um quarto de hotel para que passem a noite juntos.

Quando Jesse revela o que descobriu, Zack procura Laney e Dean por todos os hotéis da região para tentar resgatá-la, mas, sem sucesso, resolve ir até a casa da jovem. Quando ela volta para casa, encontra Zack em sua sala de estar. Ela então conta como escapou de Dean no hotel, demonstrando mais uma vez sua personalidade forte e suas tendências feministas, como indicado por David Denby. Zack confessa seus verdadeiros sentimentos por ela, pedindo desculpas por tê-la envolvido na aposta. Enquanto eles conversam e esclarecem a situação, ela diz que se sente como outra dama icônica dos filmes de *makeover*: Vivian, protagonista de "Uma Linda Mulher" (1990). Com Julia Roberts no papel principal, o filme conta a história de uma prostituta que conquista o coração de um empresário rico e passa por uma transformação de visual para se adequar ao meio social dele.

Para Ford e Mitchell (2004), a comparação não faz jus à jornada de Laney, que demonstra ser uma personagem mais forte do que sua antecessora, nas palavras das

autoras. Elas afirmam que, apesar de o *makeover* ter ajudado a jovem a cruzar barreiras entre classes sociais e conquistar o afeto de um rapaz considerado "superior" no contexto em que estão inseridos, ele é um mero acaso diante de seus verdadeiros interesses, intelectuais e artísticos (1999, p.77).

Laney conclui o filme com muito mais autoconfiança do que começou, e sem dúvida seu novo visual é parte do motivo, mas ela não se tornou uma nova pessoa por causa de sua beleza recém "descoberta". O que realmente mudou com sua nova aparência foi a maneira como ela era tratada pelas pessoas de seu convívio. Laney ainda pinta, exige respeito dos homens e expressa suas opiniões com convicção. Desde o começo, a personagem não se deixou seduzir pela ideia da popularidade, como se soubesse que o título pouco importava fora dos limites da adolescência e do ensino médio. Apesar de ser um filme recheado de clichês, "Ela É Demais" recebe o mérito de proporcionar ao *makeover* um "depois" que não desmerece o "antes", mas que o fortalece.

3.4. O *makeover* pela popularidade e a cultura do bullying em Meninas Malvadas (2004)

A beleza, de fato, não é suficiente para assegurar o *status* de um indivíduo em seu meio social - nem nos filmes, nem na vida real. A verdade é que a caminhada em direção a aparência ideal nunca chega ao fim; ela precisa ser constantemente ajustada, atualizada e mantida com a repetição dos processos que foram utilizados para alcançá-la em primeiro lugar - as escovas, os cortes de cabelo, a aquisição de novas roupas, as aplicações de maquiagem, as sessões de depilação, entre outros elementos essenciais para a criação do visual considerado "perfeito".

O que é valorizado na cultura do *makeover*, portanto, não é o visual final, porque ser bonita é literalmente uma ocupação para a vida inteira. Na verdade, é a disposição de passar pelo processo infundável de embelezamento, de se forçar, com empenho, em direção à autorrealização. (LOVELOCK, 2017)³⁸

Como saber, portanto, que um *makeover* chegou ao fim? Qual é o sinal de que uma transformação está concluída e de que é hora de dar início ao período de manutenção? De acordo com os filmes adolescentes, é quando o objetivo que motivou a mudança é

³⁸ "What is valorized in makeover culture, then, is not the finished look, because being beautiful is literally a life-long occupation. Rather, it's the willingness to undertake the never-ending process of beautification, to push, effortfully, towards self-realization." Tradução do autor.

alcançado. Conquistar o coração do interesse romântico e/ou ser aceita no grupo dos alunos populares geralmente são indicativos fortes do sucesso do processo. No entanto, o que acontece quando o feitiço vira contra o feiticeiro? O que fazer quando o *makeover*, a princípio incentivado por um grupo ou indivíduo específico, coloca em risco seus privilégios? Essas são as questões levantadas em "Meninas Malvadas"³⁹.

Com roteiro de Tina Fey e direção de Mark Waters, a comédia acompanha Cady Haron (Lindsay Lohan), uma jovem de 16 anos que volta aos Estados Unidos depois de 12 anos morando na África com os pais e sendo educada em casa. Vivendo pela primeira vez a experiência de uma escola, ela acaba entrando para o grupo de alunas mais populares da escola. O filme é um ícone da cultura das *mean girls*, as "garotas más" - um conceito que se refere a um grupo de meninas que são populares por provocarem medo, e não admiração. Apesar de esse estereótipo ser recorrente nas representações midiáticas da adolescência, Behm-Morawitz e Mastro (2008) afirmam que eles não oferecem um reflexo correto da realidade da maior parte dos jovens norte americanos.

Esse foco nas "abelhas rainhas" das amizades adolescentes femininas parece dominar as representações das meninas nos filmes adolescentes quando, na realidade, esse estereótipo da "menina má" não reflete a verdadeira variedade dos papéis das amizades femininas e os atributos positivos dessas redes de amizade. [...] Além disso, não é surpreendente que os filmes adolescentes foquem na adolescente dominante como a "menina má", devido à generalização de que a agressividade social prevalece entre as meninas (em comparação aos homens e a agressividade física). Apesar de pesquisas sugerirem que as mulheres se envolvem em menos agressões físicas que os homens, não podemos concluir que o estereótipo da menina socialmente agressiva esteja correto. (BEHM-MORAWITZ, MASTRO, 2008, p. 132-133)⁴⁰

O fenômeno é representado no filme pelo trio conhecido como As Plásticas. Regina George (Rachel McAdams), líder do grupo, é descrita como "a maldade em forma de gente. Ela pode parecer uma perua típica, egoísta e traiçoeira, mas na realidade é bem pior que isso. Karen Smith (Amanda Seyfried), descrita como doce mas burra, e Gretchen

³⁹ MENINAS Malvadas (Mean Girls). Direção: Mark Waters, Produção: Lorne Michaels. Intérpretes: Lindsay Lohan, Rachel McAdams, Tina Fey, Jonathan Bennett e outros. Roteiro: Tina Fey. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2004 (97 minutos), color. Parcialmente inspirado no livro "Queen Bees and Wannabes" de Rosalind Wiseman. Disponível em <<https://www.netflix.com/title/60034551>>. Acesso em: 14 jun. 2017

⁴⁰ "This focus on the "queen bees" of female teenage friendships seems to dominate teen film portrayals of girls, when, in reality, this stereotype of the "mean girl" does not reflect the true variety in female friendship roles and the positive attributes of these friendship networks, [...] Moreover, it is not surprising that teen movies focus on the dominant teen girl as the "mean girl," due to the generalization that social aggression is more prevalent among females (vs. males and physical aggression). Although research does suggest females engage in less physical aggression than do males, we cannot conclude that the stereotype of the socially aggressive girl is, in fact, accurate." Tradução do autor.

Wieners (Lacey Chambers), filha de um inventor famoso e conhecedora de todas as fofocas do colégio, completam o trio.

A popularidade do grupo se baseia nos conceitos de beleza, riqueza e atitude. Elas são respeitadas por serem mais bonitas, possuírem bens materiais melhores e apresentarem os comportamentos mencionados anteriormente como essenciais para a manutenção do *status* - comparecer aos eventos certos, andar com as pessoas certas e exibir um estilo de vida luxuoso. O acúmulo de poder na mão das Plásticas fez com que os demais estudantes do colégio tivessem medo de contrariá-las ou desagradá-las, alimentando cada vez mais seu status sem perceber que eram ao mesmo tempo vítimas desse sistema e responsáveis por mantê-lo vivo.

Em um primeiro momento, para entender algumas das regras e costumes desse novo ambiente, como a divisão dos estudantes em uma hierarquia de popularidade, Cady conta com a ajuda de Janis (Lizzy Caplan) e Damien (Daniel Franzese), também alunos do colégio. Os dois, que está no extremo oposto das Plásticas na escala de valores da popularidade, são os primeiros a oferecerem ajuda e explicarem à jovem como funciona a divisão de círculos sociais do ensino médio e suas relações de poder.

O primeiro contato de Cady com as Plásticas é relativamente inofensivo. Certo dia, depois de Regina defendê-la das investidas de um outro estudante, ela é convidada para se juntar ao trio durante o almoço. Surpresa com a notícia, Janis arma um plano para se vingar de Regina pelo bullying que sofreu durante anos, em que ela e suas pupilas divulgaram fofocas falsas a seu respeito. Janis sabe que os alunos da escola jamais se uniriam para tomar uma atitude a respeito das Plásticas, mesmo tendo poder para tal. Por isso, percebe que a melhor maneira de acabar com a popularidade do trio é destruindo-o de dentro para fora, e não ao contrário. Assim, ela convence Cady a se infiltrar no grupo, se aproximar das meninas, descobrir seus segredos e, depois, usar essas informações para colocar um ponto final no reinado do grupo sobre os demais estudantes.

A princípio, Cady não entende o porquê dos sentimentos de Janis, mas concorda em colocar o plano em ação. Passando as tardes com o grupo, ela logo começa a combinar suas roupas com as das outras meninas, que seguem regras específicas para cada dia da semana. A obediência ao padrão é intencional; ela sabe que precisa conquistar a confiança do grupo e tem consciência de que o visual é muito importante nessa missão. No entanto,

como nem ela nem seus amigos entendem muito sobre moda, as mudanças são sutis. Um exemplo marcante é uma quarta-feira, o "dia de usar rosa", em que ela usa uma camisa masculina emprestada por Damien porque ele é o único que tem uma peça de roupa na cor.

Em uma das reuniões do grupo, Cady descobre sobre o Burn Book, um caderno onde as Plásticas colam fotos de alguns alunos da escola e escrevem comentários maldosos sobre as eles. Quando vê uma foto de Damien no caderno, ela repete um comentário feito por Janis sobre o rapaz, dizendo que ele é "tão gay que extrapola". Imediatamente ela se sente culpada pelo que disse, percebendo que estava expondo Damien, mas Regina acha graça e decide que o comentário merece ser anotado.

Cady começa a se interessar por Aaron Samuel (Jonathan Bennett), sem saber que ele é ex namorado de Regina. Quando Gretchen descobre, ela conta a Cady sobre o passado do casal e promete guardar segredo sobre o assunto, mas acaba revelando-o para Regina. Esta, por sua vez, surpreende Cady ao encorajar o romance e oferecer ajuda para juntar o casal, dizendo que pode falar com Aaron sobre os sentimentos da amiga.

Aliviada com a aprovação de Regina, Cady começa a tentar se aproximar do rapaz. Apesar de seu talento natural para matemática, ela finge não entender a matéria para que ele possa ajudá-la - mesmo que suas explicações estejam sempre erradas. Muitos filmes retratam essa realidade apresentando personagens que fingem uma falta de conhecimento para atrair a atenção e afeição de um rapaz - e a ciência comprova que esse comportamento não é injustificado. Um estudo realizado por pesquisadores da Escola de Economia de Varsóvia em 2016 observou que, para muitos homens, a inteligência de uma mulher precisa ser "compensada" por uma beleza e uma atratividade significativas para manter seu interesse.⁴¹

Em uma das conversas com Aaron, ele convida Cady para uma festa de Halloween em que a escola toda vai. Sem saber do costume das outras garotas de usar fantasias sensuais e femininas, ela resolve ir vestida de noiva zumbi. Apesar de ela perceber que está destoando do restante dos convidados, Aaron não parece se importar. Quando Regina começa a conversar com ele, Cady pensa que a amiga está tentando ajudá-la e chega se

⁴¹ KARBOWSKI, Adam; DEJA, Dominik; ZAWISZA, Mateusz. **Perceived female intelligence as economic bad in partner choice**. *Personality And Individual Differences*. [s. L.], p. 217-222. nov. 2016. Disponível em: <http://www.academia.edu/27069613/Perceived_female_intelligence_as_economic_bad_in_partner_choice>. Acesso em: 13 mai. 2018.

questionar por que Janis sente tanto desprezo por ela. No entanto, quando Regina de repente beija o rapaz, depois de inventar que Cady estava obcecada com ele para assustá-lo, Cady sente-se traída e abandona a festa.

Frustrada e decepcionada, Cady é incentivada por Janis a continuar com o plano de destruir Regina. Elas decidem que a melhor maneira de fazer isso é cortando seus “recursos”, os pilares de sua popularidade: o namorado, as amigas e a aparência. Elas sabem que, sem um visual que a destaque dos demais alunos e um grupo para seguir seus passos e obedecer suas ordens, Regina invariavelmente teria seu poder comprometido.

O primeiro passo do plano de Janis e Cady é destruir a beleza de Regina aos poucos, mas elas encontram certa dificuldade de ultrapassar os limites da popularidade da garota. Quando ela menciona um incômodo com espinhas, Cady a empresta um creme que na verdade é para os pés, mas Aaron acaba gostando do cheiro. Quando Janis corta dois furos na frente da blusa de Regina para que seu sutiã fique à mostra, o visual se torna uma tendência entre as outras estudantes. Quando Regina comenta que quer perder peso, Cady recomenda barras de cereais que na verdade são consumidas por atletas para ganhar massa, mas o truque demora para fazer efeito. Ao mesmo tempo, Cady tenta afastar Gretchen e Karen de Regina. Conforme vai convencendo Gretchen de que Regina não gosta mais tanto dela, ela consegue descobrir mais alguns segredos do grupo e gerar rancor entre as integrantes. Ela também faz com que Aaron descubra sobre as traições de Regina, levando ao término do casal.

Sem suspeitar das reais intenções de Cady, Regina, Gretchen e Karen promovem um *makeover* mais explícito na jovem (ver Anexo F). Mais do que seguir as regras básicas de cores de vestimenta do grupo, ela passa a se vestir com roupas justas e curtas, usar maquiagem regularmente e se comportar totalmente como elas, usando até os mesmos jargões em conversas. Determinada a se integrar completamente com as Plásticas, os limites entre sua real personalidade e sua farsa se tornam confusos. Ela observa uma queda em seu desempenho em matemática sem precisar fingir, além de se envolver cada vez mais nas teias de fofoca do grupo. Ela menciona que, ao mesmo tempo que tentava "destruir" Regina, ainda queria conquistar sua confiança, e percebe que Gretchen também se esforçava para recuperar a amizade da "abelha rainha", ainda que não fosse feliz., dizendo que "Ela sabia que era melhor ser poderosa do que não ser".

Cady não é a única cuja beleza - ou a falta dela - afeta o comportamento. Conforme Regina começa a sair do padrão, ganha uma quantidade considerável de peso e suas roupas param de servir, ela vai se tornando cada vez mais desleixada com a aparência e isso se reflete na maneira como os demais alunos a tratam. Quando vai à escola de moletom e desrespeita as regras de vestimenta do grupo, Gretchen e Karen insistem que ela não pode se sentar com elas, demonstrando claramente os ruídos nos relacionamentos dentro do grupo. Quando esbarra em uma aluna considerada *plus size*, a garota zomba o ganho de peso de Regina, provando que grande parte do poder que ela exercia sobre os alunos se devia ao fato de seu visual se destacar positivamente.

Conforme Regina perde poder também sobre Karen e Gretchen, Cady ganha cada vez mais influência sobre elas. Em pouco tempo, ela passa a ser seguida como uma nova abelha rainha. Em uma tentativa de impulsionar sua popularidade e afastar Regina ainda mais do grupo, ela decide dar uma festa em sua casa na ausência dos pais e não convida Janis e Damien sob a premissa de que suas novas amigas não podem suspeitar de suas reais intenções. No entanto, o evento é no mesmo dia de uma exposição de arte em que Janis participa. Sentindo-se traídos, Janis e Damien a acusam de não estar mais fingindo e ter se tornado uma Plástica de verdade, esquecendo-se dos amigos.

Quando Regina, que também não foi convidada para o evento, descobre a verdade sobre os planos de Cady, ela resolve se vingar da jovem, se aproveitando da sua nova popularidade para jogar sobre ela a culpa por algumas de suas maldades. A premissa é de que, como Cady está agindo e se vestindo como ela, ela também seria capaz dessas ações. Regina então escreve uma falsa mensagem sobre si mesma no Burn Book e o entrega para o diretor do colégio, Sr. Duvall (Tim Meadows), fazendo-se de vítima e tentando incriminar Gretchen, Karen e Cady pelo *bullying*. A escola toda acaba descobrindo sobre o caderno e instala-se o caos.

Sr. Duvall e Srta. Norbury (Tina Fey), professora de matemática mencionada no Burn Book como traficante de drogas, reúnem as estudantes do último ano no ginásio e as convencem a enfrentar o problema da rivalidade e da agressividade social que as colocava umas contra as outras. A professora as ajuda a expressarem seus sentimentos, confessarem suas fofocas e se desculparem umas com as outras pelos xingamentos e ofensas que trocaram ao longo dos anos. Ainda magoada com Cady, Janis aproveita a oportunidade

expõe o plano que mantinha com a menina. Cady, por sua vez, tenta se desculpar com Regina, que sai enfurecida do colégio, sem querer ouvir as explicações da jovem, e acaba sendo atropelada por um ônibus e fraturando a coluna.

Na noite do Baile da Primavera, o processo de *makeover* de Cady é concluído quando ela é eleita Rainha do Baile. No palco, ela percebe que não sente a felicidade e a satisfação que achou que acompanhariam a vitória. Por isso, ela declara que os resultados daquela votação não significam nada sobre o valor de cada menina, que todas estavam lindas e deveriam ter orgulho do visual que têm. Ela então parte a coroa que ganha como Rainha em vários pedaços, dividindo a vitória com as demais estudantes.

Diante desse cenário, fica claro que o *makeover* de Cady a ajudou a atingir seus objetivos, mas não proporcionou a felicidade que ela acreditou que conseguiria. A vingança é um elemento importante de sua trajetória e é recorrente nas tramas desse gênero cinematográfico, geralmente sendo uma das motivações da personagem para repaginar seu visual. No entanto, em "Meninas Malvadas", nem a Cinderela nem a fada madrinha se beneficiam da transformação a longo prazo, ainda que satisfaçam objetivo momentâneos. Regina percebe o quanto seu poder estava associado a sua aparência e que, por esse motivo, ela era facilmente substituível por qualquer outra garota bonita com ares de superioridade. Para Cady, o aprendizado foi que suas atitudes são mais importantes do que suas intenções; quando ela se comporta exatamente como a pessoa que está tentando punir, acaba se tornando um indivíduo igualmente ruim.

Essas realizações fazem com que tanto Regina quanto Cady deixem para trás a gana por popularidade e aprovação. Para se afastarem dessa ambição, o primeiro passo é mudar o estilo de roupa das personagens. Ambas aparecem usando roupas confortáveis e em cores mais clássicas, fugindo do padrão de cor de rosa e mini saias que vestiam antes. No entanto, esse novo visual não é um resgate do que Cady exibia no início do filme; é na verdade um meio termo entre um extremo e outro. Elas vestem jeans e camisetas básicas, mas ainda usam maquiagem e o cabelo arrumado. Se cumprimentam quando se veem na escola, mas já não são mais amigas nem inimigas. As personagens parecem ter encontrado um ponto de equilíbrio.

A mudança na personalidade das jovens não se reflete apenas em suas roupas, mas também em suas atividades. A partir do momento em que a manutenção do status social e a

disputa por popularidade não são mais questões tão relevantes, cada uma delas encontra novos afazeres - não só para preencher o tempo livre, mas para preencher a lacuna em suas personalidades com a perda do status social. Cady assume sua aptidão para os estudos e se junta ao grupo da Olimpíada de Matemática, ajudando-os a vencer a competição. Já Regina entra para o time de lacrosse, onde consegue canalizar sua agressividade para ajudar a time a melhorar sua performance.

Ao final do filme, a grande reflexão que a trama deixa é o peso da aparência nos relacionamentos, nas amizades e na estruturação dos grupos sociais adolescentes. Ford e Mitchell (2004) questionam: "Como o *makeover* que transforma a heroína em bela afeta as mulheres próximas a ela?"⁴² (FORD & MITCHELL, 2004, p.37). A resposta é clara em "Meninas Malvadas", em "Cinderela" e em todos os outros filmes do gênero: a beleza provoca inveja. Como vimos anteriormente, por mais democrático que o *makeover* possa parecer, não há espaço para todas no lado de lá da linha que separa as "belas" das "feias", especialmente no contexto do ensino médio e da disputa por popularidade. A ascensão de uma requer a queda de outra. No final das contas, em "Meninas Malvadas", não sobra ninguém no pódio.

⁴² "How does a makeover that turns the heroine into a beauty affect the women close to her?" Tradução do autor.

4. APARÊNCIA *VERSUS* ESSÊNCIA NA ERA DO *MAKEOVER*

A relação entre aparência e essência é colocada a prova em todos os filmes de *makeover*, ainda que de formas variadas. Nas obras mais recentes do gênero, com a popularização dos conceitos de feminismo, aceitação e sororidade, as tramas rasas sobre tirar o óculos e usar roupas curtas somente para se tornar popular ou atrair um rapaz não são mais recebidas da mesma forma que antes. Hoje, a mensagem precisa ir além - e de forma clara, não escondida no meio de um roteiro que coloca o romance adolescente acima de qualquer outra ambição.

A grande mensagem dos filmes de *makeover* do modelo tradicional é que a beleza é muito mais do que a harmonia estética. As consequências da transformação, portanto, vão além das mudanças físicas e visíveis aos olhos. Em todas as obras analisadas, um novo visual engloba também uma maior receptividade e aceitação social por parte dos demais membros da comunidade, o que na prática significa acesso a oportunidades antes inalcançáveis de prestígio social e sucesso nas mais variadas esferas.

No entanto, mesmo que todos ao redor da personagem sejam afetados por sua nova aparência em menor ou maior grau, é importante lembrar que a própria pessoa muitas vezes passa a se enxergar de uma maneira diferente também. Diante disso, a confiança proveniente do novo visual pode inspirar o indivíduo a realizar alterações "com as próprias mãos", incluindo mudanças em seu comportamento, suas atividades e até sua personalidade.

Como observamos, essa beleza recém-descoberta pode fazer um personagem adotar uma atitude soberba e superficial. Contudo, também é possível que ele passe por uma mudança positiva e encontre em seu novo visual a dose de autoconfiança que lhe faltava para ter mais respeito por si mesmo e se impor nos momentos em que antes não sabia como agir. Sentindo-se mais forte, capaz e seguro de si, o indivíduo conquista a coragem que precisava para tomar decisões e se posicionar diante das situações que o cercam.

Dois filmes em particular se tornaram símbolos dessa complexidade de interesses por abordarem a cultura do beleza de formas diferenciadas: "O Diário da Princesa" (2001) e "The DUFF: Você Conhece, Tem ou É" (2015). Ambos apresentam protagonistas fortes e com mentalidade mais moderna, que mantêm uma postura crítica com relação ao *makeover*

e que, em suas cenas mais marcantes, optam por se apresentarem a suas comunidades como realmente são, sem usar o padrão de beleza e estilo como escudo protetor.

4.1. O *makeover* e a autoconfiança em "O Diário da Princesa" (2001)

Cinderela pode ser a princesa mais icônica da cultura do *makeover* por ter definido padrões e formatos obedecidos pela indústria cinematográfica até os dias de hoje, mas ela não é a única. Amelia "Mia" Thermopolis, protagonista de "O Diário da Princesa"⁴³ (2001), é outro símbolo desse fenômeno muito marcante na cultura popular adolescente do século XXI. Baseado na série de livros homônima escrita por Meg Cabot, o filme tem Anne Hathaway no papel de uma jovem de 15 anos que enfrenta as dificuldades do ensino médio em São Francisco, onde vive com a mãe Helen (Caroline Goodall), uma pintora viúva, até descobrir que é na verdade a princesa de um pequeno país europeu chamado Genóvia.

O filme apresenta Mia como uma jovem insegura, desajeitada e tímida, que tem grande dificuldade em falar em público - chegando a vomitar em uma aula de debate - e que se sente invisível na maior parte do tempo. Esse sentimento, segundo Ford e Mitchell (2004), faz parte de uma mensagem maior. Ao compararem o longa a "Estranha Passageira", elas observam que as protagonistas de ambos os filmes parecem não existir aos olhos dos outros antes de suas transformações. Em uma cena de "O Diário da Princesa", um jovem quase senta no colo de Mia quando ela está descansando em uma fonte, sem perceber sua presença. "Anos de filmes de *makeover* repetem essa premissa: somente mulheres belas são visíveis" (FORD & MITCHELL, 2004, p. 28).⁴⁴

A melhor amiga de Mia, Lily (Heather Matarazzo), e o irmão desta, Michael (Robert Schwartzman), são suas únicas companhias. Seu pai, Philippe Rinaldi, nunca foi presente em sua vida. Quando o filme se inicia, ele já havia se separado de sua mãe há muitos anos e viera a falecer dois meses antes. Por isso, Mia fica surpresa quando descobre que a avó paterna, Clarisse Renaldi (Julie Andrews), está na cidade para conhecê-la. As duas se reúnem para um chá, onde Mia descobre que avó, é, verdade, rainha de Genóvia. Sendo

⁴³ O DIÁRIO da Princesa (The Princess Diaries). Direção: Garry Marshall. Produção: Whitney Houston, Debra Martin Chase, Mario Iscovich. Intérpretes: Julie Andrews, Anne Hathaway, Hector Elizondo, Heather Matarazzo, Mandy Moore e outros. Roteiro: Gina Wendkos. Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 2001. 1 DVD (111 minutos), color. Adaptação do romance "The Princess Diaries" de Meg Cabot.

⁴⁴ "Years of makeover movies repeat this premise: only beautiful women are visible." Tradução do autor.

assim, com a morte de seu pai, Mia se torna sua sucessora ao trono e, portanto, uma princesa.

A jovem não recebe bem a notícia. Com todos os problemas de auto estima que enfrenta e a dificuldade que se tem para se enturmar na escola, ela se enxerga como o oposto do que um membro da realeza deve ser. "A implicação é de que todo mundo entende que as princesas devem ter uma certa aparência" (FORD & MITCHELL, 2004, p. 27)⁴⁵. Apesar da rejeição inicial, Clarisse insiste: "Vamos aceitar o desafio de ajudá-la a se tornar a princesa que você é" afirma. "Posso te ensinar a andar, falar, sentar, ficar de pé, comer e se vestir como uma princesa". Fica claro, desde esse primeiro contato, que existe um padrão para as princesas e que Mia está claramente fora dele, não apenas na aparência mas também no comportamento. Tendo consciência desse fato, Mia rejeita qualquer envolvimento com o tema, alegando não ter o perfil de uma princesa e não estar interessada em se tornar uma.

Nos dias seguintes, Helen convence a filha a fazer um acordo com a avó. Mia teria "aulas" para aprender mais sobre a etiqueta e as responsabilidades de uma princesa, sob a supervisão do chefe da segurança, Joseph "Joe" (Hector Elizondo), até o Baile da Independência de Genóvia, quando anunciaria sua decisão de aceitar ou renunciar ao título de nobreza e ao trono do país. Relutante, ela concorda, e a partir de então começa a visitar o Consulado de Genóvia regularmente para receber aulas da avó, enquanto Joe atua como seu guarda-costas particular.

A transformação de Mia em uma legítima princesa começa aos poucos. Nos primeiros encontros, ela aprende a sentar com postura, dançar valsa e usar todos os talheres de um jantar formal. No entanto, além de expressar bastante dificuldade para se adaptar às novas regras de etiqueta, sua aparência também não reflete o padrão de beleza vigente - nem para os membros da realeza, nem para as heroínas dos filmes *teen*. Sua caracterização física obedece com rigor a fórmula clássica das tramas de *makeover*: suas sobrancelhas são grossas e sem formato, seu rosto não tem qualquer sinal de maquiagem. Ela usa óculos, meias grossas até o joelho e sapatos pesados, além do uniforme da escola. O elemento principal, no entanto, é seu cabelo volumoso e cacheado.

⁴⁵ "The implication is that everyone understands princesses should look a certain way" Tradução do autor.

Os cachos, de uma forma geral, não são representados com frequência nos filmes lançados a partir dos anos 2000. Nos anos 1980 e 1990, eles eram parte do estilo celebrado como moderno e jovial. No entanto, a partir da virada do século, se tornaram cada vez mais raros, especialmente nas personagens consideradas belas. Quando o cabelo cacheado aparece em um desses filmes, como em "O Diário da Princesa", geralmente é associado a uma personalidade desastrada e desorganizada e é rapidamente "corrigido" por alguém afim de passar mais credibilidade. Essa crença não se limita às telas de cinema; em 2016, internautas descobriram os resultados da busca por "unprofessional hairstyles for work" (penteados não profissionais para o trabalho) no Google mostravam majoritariamente cabelos cacheados e crespos. O contraste era ainda mais marcante se comparado aos resultados da busca por penteados profissionais, onde todas as fotos eram de cabelos lisos.⁴⁶

O grande *makeover* de Mia acontece nas mãos do cabeleireiro Paolo (Larry Miller), que oferece uma nova abordagem ao papel da fada madrinha. Ao vê-la pela primeira vez, sua reação imediata é um grito de susto. "Paolo deixa claro que considera Mia em seu estado inicial um alvo aceitável para a ridicularização." (FORD & MITCHELL, 2004, p. 26)⁴⁷ Assim como o visual inicial, o próprio processo de transformação e o resultado final também seguem as regras tradicionais de um *makeover*, incluindo a falta de autoridade da personagem sobre o que é feito com seu corpo.

É claro o desconforto da protagonista ao passar pelo processo de transformação. Paolo pergunta se Mia tem lentes de contato e ela responde que sim, mas não gosta de usá-las. Ele então quebra a armação dos óculos, para o choque da menina, e afirma que a partir de então ela terá que usá-las. Ao tentar pentear o cabelo da jovem, acaba quebrando a escova ao meio. Enquanto suas sobrancelhas são modeladas pelas assistentes de Paolo, as expressões faciais de Mia revelam seu incômodo com a dor. Mesmo nas cenas em que não está expressando algum descontentamento, Mia parece estar completamente alheia ao

⁴⁶ HUBBARD, Lauren. "Why The Google Search Results For Unprofessional Hairstyles Are Seriously Disturbing". Allure, 2 abri. 2016. Disponível em: <<https://www.allure.com/story/google-search-unprofessional-hair>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

⁴⁷ "Paolo makes it clear that he finds Mia in her before state an acceptable target for ridicule." Tradução do autor.

processo, ouvindo música de olhos fechados enquanto os profissionais "corrigem" seu visual.

O resultado da transformação (ver anexo G) remove a "fantasia" usada para fazer a atriz parecer menos atraente e revela sua aparência original, revestida com elementos que a conferem uma elegância clássica inspirada nos padrões europeus - e relativamente antiquados para o contexto da adolescência nos anos 2000. Os cabelos estão lisos e cortados logo abaixo dos ombros, as sobrancelhas estão finas e arqueadas, as unhas estão cobertas com esmalte discreto e o rosto apresenta uma maquiagem completa. Em vez dos coturnos que ela costumava usar para ir à escola, ela passa a usar meias-calças e sapatos de salto. Seu novo visual é mais próximo do usado pelas meninas populares de sua escola, mas vai além; os elementos mais clássicos, como a meia-calça e a mochila de couro de grife, remetem a um *look* adulto e europeu, alinhado com as expectativas construídas para a aparência de uma princesa. Ao se olhar no espelho, Mia expressa surpresa e uma certa incerteza, como se não reconhece a figura refletida em sua frente. Já os outros ao seu redor, incluindo Paolo, Clarisse e seus respectivos funcionários, parecem muito satisfeitos com o que veem. a rainha chega a dizer que Mia está "melhor, muito melhor".

No dia seguinte, ao pegarem carona com Mia para ir a escola, Lily e Michael são as primeiras pessoas fora de seu círculo familiar a verem o novo visual da princesa. Apesar de estar adequada aos padrões do ideal de beleza vigente na época, Mia não escapa das críticas de Lily, que não sabe da real motivação da transformação e acusa Mia de estar tentando se tornar popular ao copiar o estilo de cabelo das líderes de torcida. A cena traz de volta a questão sobre a maneira como o *makeover* da heroína afeta as mulheres ao seu redor. Ela faz comentários como “Quem te destruiu?”, “Você ficou ridícula, deveria processar”, “Você costumava se importar mais com o que tinha dentro da cabeça do que fora” e “Você mudou”, que fazem com que Mia derrame algumas lágrimas. A jovem, por fim, se cansa da atitude de Lily e resolve contar a verdade a ela, que se desculpa pelas falas cruéis e demonstra empolgação com a notícia. No entanto, fica claro que Mia ainda se sente constrangida e insegura com o novo visual quando a jovem coloca um chapéu para cobrir o cabelo ao chegar na escola.

Durante a aula, um professor pede que Mia tire o chapéu já que ele viola o código de vestimenta do colégio. Quando o restante da classe enfim percebe o novo visual de Mia, os

cochichos demonstram a surpresa do grupo, que faz alguns comentários maldosos a respeito da mudança, como a insinuação de ela parecia ter feito um transplante de cabeça. Não há, portanto, nenhuma alteração concreta na maneira como Mia é tratada na escola, mesmo após preencher os requisitos do padrão de beleza, porque sua personalidade continua a mesma.

Tudo muda quando Paolo quebra o sigilo de seu contrato e revela à imprensa a verdade sobre Mia. Perseguida por jornalistas para se pronunciar sobre a novidade e pressionada para tomar sua decisão, a jovem sofre para se desvencilhar de hábitos antigos e se comportar como uma princesa. Em um jantar com lideranças políticas do mundo todo, ela se confunde ao tentar seguir as regras de etiqueta e termina a noite sentido-se constrangida e derrotada. Aos poucos, mesmo com suas falhas, Mia se aproxima de Clarisse e começa a entender melhor a história da família e a paixão da avó pelo povo de Genóvia.

O fato de que o comportamento e as atitudes de Mia não mudaram junto com sua aparência remete à trama de "Ela É Demais" e revela um propósito parecido: mostrar que a individualidade da personagem vai além de seu físico. Mesmo se encaixando no padrão de beleza, ela ainda se destaca por uma autenticidade tão intrínseca à sua personalidade que o alisamento no cabelo e as lentes de contato jamais poderiam comprometer.

Se por um lado a beleza de Mia pareceu não afetar diretamente seus colegas de escola, seu título de nobreza conseguiu atrair a atenção deles. Josh (Erik von Detten), o garoto popular por quem Mia é apaixonada, surpreende a jovem ao chamá-la para uma festa na praia. Ela aceita o convite, esquecendo-se de que havia prometido assistir ao ensaio da banda de Michael e participar da gravação do programa de TV de Lily, todos no mesmo dia.

Na festa, Mia descobre sobre as verdadeiras intenções de seus novos "colegas" ao ser surpreendida por um grupo de fotógrafos e jornalistas que descobrem seu paradeiro. Lana (Mandy Moore), ex-namorada de Josh, e as amigas se oferecem para proteger a cabana onde Mia decide trocar de roupa para fugir dos paparazzi, mas enquanto ela tira a roupa, as meninas puxam a barraca para expor a jovem às câmeras. Quando tenta fugir com a ajuda de Josh, Mia é beijada a força por ele na frente dos fotógrafos e tem que bater nele com um

chinelo para se libertar. Ao final do dia, Mia se sente mais humilhada e exposta, sabendo que seria capa dos jornais no dia seguinte.

De volta à escola, Mia tenta consertar seus erros com os amigos. Ela se desculpa com Lily e Michel por ter faltado os compromissos que marcara com eles e os chama para o Baile da Independência de Genóvia, um convite que Lily aceita mas Michael rejeita. Fica claro para Mia que ela havia magoado as únicas pessoas que gostavam dela de verdade, independente de seu status social. A partir de então, há uma mudança perceptível na maneira como ela lida com aqueles ao seu redor. Apesar de ter passado os anos evitando atenção - chegando a dizer que sua missão na vida era ser invisível no primeiro encontro com a avó-, Mia conquista a autoconfiança que lhe faltava justamente quando lida com situações que não acreditava estar preparada para enfrentar. "O resumo do enredo do filme contém o tema central do *makeover* - a mudança na heroína conforme ela se torna mais atraente, mais confiante e mais independente" (FORD & MITCHELL, 2004, p. 21).⁴⁸

Após o episódio traumático da festa, ela aos poucos reconhece a importância de se impôr em determinadas situações. Durante um jogo de baseball na aula de educação física, ela acerta uma bola de baseball em Josh e consegue distraí-lo, conseguindo tempo para vencer o jogo e passar na matéria. Quando Lana e as amigas zoam ela e um outro estudante por suas roupas e cabelo, Mia esfrega um sorvete na garota e afirma que pode um dia deixar de ser "estranha", mas que Lana jamais deixaria de ser idiota.

Apesar da evolução que havia apresentado desde a festa, com a chegada do dia do grande baile, Mia se sente apavorada com a decisão que precisa tomar e decide fugir. Enquanto todos a esperam no evento, ela começa a fazer as malas para partir quando encontra uma carta escrita por seu pai, que deveria ser entregue em seu 16º aniversário. Na carta, seu pai fala sobre lutar para que a insegurança não a impeça de viver intensamente, afirmando que a coragem não é a ausência do medo, e sim a certeza de que algo pode ser maior do que ele. Tocada pelas palavras e pela emoção, Mia decide ir ao baile, mas fica presa em meio a um temporal quando seu carro quebra na rua.

Como em um conto de fadas, ela é encontrada por Joe, que suspeitava de seu plano. Ele a leva de volta para o baile, chegando no momento exato em que ela precisaria fazer

⁴⁸ "This plot summary of the film contains the central makeover motif - the change in the heroine as she becomes more attractive, more confident and more independent." Tradução do autor.

seu discurso. Enfrentando dois medos ao mesmo tempo - o de falar em público e o de aceitar a responsabilidade de ser um membro da realeza -, Mia sobe ao palco pela primeira vez como Amelia Mignonette Thermopolis Renaldi.

"Quando ela finalmente decide se tornar princesa de Genovia, Mia chega atrasada, molhada e vestindo moletom. Em vez de se sentir constrangida, Mia é capaz de usar sua pose de princesa recém adquirida para falar com o público; ela não precisa dos trajes de princesa para performar." (FORD & MITCHELL, 2004, p. 28)⁴⁹

Emocionada, ela anuncia que aceita se tornar princesa de Genóvia. Em seguida, Paolo aparece para transformá-la mais uma vez na princesa que ela precisa ser. Na hora da valsa, sua entrada triunfal no salão do baile revela um vestido de gala volumoso, uma coroa brilhante apoiada sobre um coque polido e uma maquiagem digna de contos de fada. Ela é surpreendida pela presença de Michael, que a tira para dançar. No jardim, eles confessam seus sentimentos e se beijam apaixonadamente, mostrando para Mia que ela teria que equilibrar sua dupla realidade a partir de então.

Ao longo de sua jornada, Mia demonstra resistência a todas as mudanças que são impostas a ela. Ao comparar o filme com "Estranha Passageira", Ford e Mitchell (2004) afirmam que situações inevitáveis forçam tanto Mia quanto Charlotte a colocarem suas vidas e suas aparências nas mãos de outras pessoas. No entanto, apesar da relutância diante do destino do qual não consegue escapar, Mia acaba desenvolvendo uma melhora na autoconfiança e na autoestima após sua transformação. Direta ou indiretamente, sua nova realidade a obriga a mudar a percepção que tinha sobre si mesma.

Um diferencial marcante da trama em relação a outros filmes teen é o fato de que a popularidade não é uma questão relevante para Mia. Ainda que ela sofra com a rejeição e o *bullying* por parte de certos estudantes, ela tampouco se sente confortável sendo o centro das atenções de uma maneira positiva. Por isso, seu *makeover* não afeta diretamente a maneira como ela é tratada na escola. Observamos, mais uma vez, que a aparência não é suficiente para garantir aceitação ao indivíduo. No entanto, a remodelação é um elemento importante de uma transformação maior que acontece em sua vida. Apesar de por fim ela aprender a valorizar sua individualidade como algo que a torna especial, não inferior, essa

⁴⁹ "When she finally decides to become Genovia's princess, Mia arrives late, wet and clad in a sweatshirt. Instead of being embarrassed, Mia's able to use her newly acquired princess poise to speak to the audience; she doesn't need the princes attire to perform." Tradução do autor.

superação só ocorre quando ela elimina as características físicas que a distanciam daqueles que a intimidam e passa a se encaixar no padrão de beleza do momento.

Não há como saber exatamente como seria a percepção da comunidade a respeito de Mia após a notícia de seu título de nobreza se ela não tivesse passado por um *makeover*. Apesar de existir uma possibilidade de que a revelação atraísse a atenção e o interesse das pessoas mesmo sem a mudança de visual, tudo leva a crer que sua aparência poderia ser um obstáculo em sua jornada em busca de credibilidade como futura herdeira do trono de Genóvia.

As princesas, ainda mais do que as adolescentes comuns, estão sujeitas a padrões estéticos rigorosos que afetam diretamente a reação da comunidade a elas, e esses padrões, majoritariamente, estão associados à imagem da beleza ideal feminina - à que Mia precisou se adequar antes de aceitar seu título de nobreza. “A princesa é uma figuração intrincada no ideal do ‘bem supremo’, sempre representado por condutas virtuosas e comportamentos que a cultura elege como certos. Se a virtude é avaliada sobre os comportamentos, é através da aparência que é expressada.” (HALL *apud* BREDER, 2013, p. 52)⁵⁰

Por um lado, "O Diário da Princesa" se destaca dos demais filmes de *makeover* por não associar a transformação da protagonista à busca por aprovação masculina ou popularidade. Ainda que Mia tivesse interesse em Josh e que seu novo visual tenha ajudado a atrair a atenção dele, o interesse do rapaz era puramente associado ao status de celebridade de Mia. Mesmo após ela "ficar bela", ele só a convida para sair pela atenção que esperava receber da imprensa. O menino com o qual Mia termina o filme, Michael, já a admirava com a aparência antiga - e Mia tem consciência disso, quando diz a ele, em uma das últimas cenas do filme: "Você me viu quando eu era invisível". Sua popularidade também não foi afetada pela beleza; sem a notícia de seu título de nobreza, ela continuou sendo tratada com desprezo pelos colegas de classe.

No entanto, no que diz respeito à relação da personagem com o próprio corpo, o filme é mais um endossando a crença de que existe uma aparência certa e uma aparência

⁵⁰ BREDER, Fernanda Cabanez. Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney. 2013. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://zonadigital.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/02/feminismo-e-prc3adncipes-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

errada. Mesmo depois de conquistar autoconfiança e aceitar seu destino como princesa de Genóvia, Mia mantém o visual que é "imposto" a ela. A passagem dela de uma figura ora invisível, ora digna de ridicularização para um indivíduo que se encaixa nas expectativas na beleza ideal não foi uma escolha, mas foi aceita depois da relutância inicial. O motivo não é explicitado, mas tudo leva a crer que ela se sentiu mais confortável consigo mesma quando passou a ser percebida como "bela".

Com isso, uma trama que poderia ajudar a mudar a maneira como as adolescentes enxergam a busca pela perfeição acaba colaborando para a perpetuação desse comportamento ao mostrar uma protagonista cuja vida se torna melhor quando seu visual é "corrigido". A mensagem de que a coragem é proveniente do enfrentamento dos medos é positiva, mas é abafada ao condicionar essa transformação a uma fisionomia específica e à obediência do padrão. Traduzindo essa subjetividade, a lição de moral ganha um tom amargo ao permitir o sacrifício da individualidade em nome de um alisamento capilar e um par de lentes de contato.

4.2. A nova face do *makeover* em "The DUFF: Você Conhece, Tem ou É" (2015)

Os filmes de *makeover*, assim como as demais comédias românticas e filmes voltados para o público adolescente de uma forma geral, fizeram muito sucesso entre os anos 80 e 2000. No entanto, a primeira década do século XXI marcou o declínio da era de ouro do gênero, cujos títulos se tornam mais escassos a cada ano - sobretudo no que diz respeito às obras transmitidas nos cinemas.

Por volta de 2010, as comédias românticas de nível de estúdio desaceleraram drasticamente. Nos últimos anos, elas praticamente pararam. Desde 2010, as comédias românticas foram de 9 lançamentos de estúdios grandes (um marco alto para o gênero nos anos 2000) para zero lançamentos em nível de estúdio em 2017. (GUERRASIO, 2017)⁵¹

Desde então, poucos filmes com essa temática foram sendo produzidos - se compararmos com a quantidade lançada até aquele momento - , e um número menor ainda é transmitido nos cinemas. Muitas das histórias acabaram encontrando na televisão um

⁵¹ "around 2010 romantic comedies at the studio level drastically slowed down. In recent years, they've all but stopped. Since 2010, rom-coms went from nine major studio wide releases (a high water mark for the genre in the 2000s) to zero released at the studio level in 2017" GUERRASIO, Jason. **The big Hollywood romantic comedy is dead — here's what happened to it**. Business Insider, 8 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/why-movie-studios-no-longer-make-romantic-comedies-2017-8>>. Acesso em: 7 jun. 2018. Tradução do autor.

espaço para serem exploradas no formato de seriado ao invés de longas-metragens. As tramas que sobreviveram tiveram que encontrar maneiras de se adaptar a um público que já não tem mais as mesmas expectativas a respeito dos relacionamentos e da vida adulta como um todo. Billy Mernit, autor de "Writing the Romantic Comedy", afirma que "Há uma mudança lenta na percepção do que é uma comédia romântica. O escritor de comédia romântica esperto de 2017 está escrevendo um roteiro que não está sendo chamado de comédia romântica. Eles têm que ter um ângulo fresco" (GUERRASIO, 2017).⁵²

A redução do número de títulos do gênero também pode ser explicada por uma mudança na imagem da mulher perante a sociedade. Nos últimos anos, o retorno da presença de ideais feministas na grande mídia, impulsionada por figuras públicas e celebridades das mais variadas áreas de atuação, afetou diretamente as representações femininas nos filmes. Diante dessa nova realidade, as obras cujas tramas centrais são focadas na adequação da protagonista ao padrão de beleza não condizem com os valores defendidos pela opinião pública nos dias de hoje, que dão preferência às histórias que empoderem a figura da mulher.⁵³

Nesse cenário, os títulos do gênero de *makeover* perderam espaço para filmes de outros estilos. A temática, no entanto, continua sendo representada, geralmente com um toque humorístico. A proposta agora é apresentar uma postura crítica diante da cultura do consumismo impulsionado pela busca da perfeição, sobretudo nos filmes adolescentes. "*The DUFF: Você Conhece, Tem ou É*" (2015) é uma das tramas que repete alguns pontos da fórmula dos filmes de *makeover* oferecendo uma nova abordagem ao assunto, tendo como protagonista uma menina que escolhe não passar por uma transformação radical.

Baseado no livro homônimo publicado por Kody Keplinger em 2011, o longa é dirigido por Ari Sandel e acompanha a vida de Bianca Piper (Mae Whitman), uma jovem estudante do ensino médio tímida, engraçada e desajeitada que é melhor amiga de duas das meninas mais bonitas e populares do colégio, Jessica (Skyler Samuels) e Casey (Bianca Santos). A premissa do filme é baseada em temas recorrentes do gênero como amizades e

⁵²"There is slowly a shift in perception on what a romantic comedy is. The smart romantic comedy writer of 2017 is writing a script that they aren't calling a romantic comedy. They have to have a fresh angle."
Tradução do autor.

⁵³ KARLIN, Lily. **How Romantic Comedies Are Failing Women (And How To Fix It)**. The Huffington Post, 7 dez. 2017. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/romantic-comedies-failing-women_n_7026302>. Acesso em: 7 jun. 2018

paixões não correspondidas, mas a trama vai muito além do lugar comum para abordar também questões como identidade, autoestima e bullying.

Bianca inicia o filme dizendo que muitos dos antigos clichês da adolescência não fazem mais sentido; segundo ela, atletas jogam videogame, princesas tomam antidepressivos e nerds estão dominando o mundo. Nesse momento, fica claro que os antigos estereótipos dos filmes adolescentes não fazem mais sentido para os jovens da atualidade. Mesmo assim, é justamente um desses estereótipos que a faz questionar suas certezas. Em uma festa, ela é informada por Wesley (Robbie Amell), seu vizinho e amigo de infância que é popular e capitão do time de futebol, que ela é a D.U.F.F. (em tradução livre, Amiga Feia e Gorda Designada) de seu grupo de amigas.

É importante frisar que, apesar de estar mais distante do padrão de beleza ideal do que suas amigas, Bianca tem uma aparência mediana e não destoa de forma perceptível das demais estudantes do colégio. O contraste só é mais marcante quando a comparamos com Jessica e Cassie, que se apresentam de maneira mais tradicionalmente feminina; elas vestem roupas mais justas e curtas e usam maquiagem, enquanto Bianca veste roupas largas e não parece se preocupar com seu visual. Essa comparação não é apenas um detalhe; ela demonstra que a beleza, portanto, está intimamente ligada ao conceito de feminilidade, e que ela vai muito além de características físicas isoladas.

Sentindo-se magoada e insegura diante da revelação de Wesley, Bianca percebe que a maior parte das pessoas que a abordam no dia a dia na verdade estão interessadas em uma aproximação de Jessica e Casey, já que ela é mais acessível que as amigas. Aos poucos, ela vê que todos os grupos do colégio tem um D.U.F.F., que não é necessariamente feio nem gordo, como define o conceito a sigla, mas é sempre menos atraente que os demais colegas - tendo como referencial a o ideal de beleza seguido pelos alunos populares. Bianca decide enfrentar as amigas sobre o assunto, questionando-as sobre a veracidade do apelido. Elas se surpreendem com a conversa e negam enxergar Bianca dessa forma, mas a jovem decide se afastar e encerrar a amizade.

A descoberta de seu "status social" não é o único motivo para o incômodo de Bianca. Sua mágoa com a classificação inferior à de suas amigas em uma escala de valores cultuados naquele contexto é agravada por sua atração por Toby Tucker (Nick Eversman), um outro aluno da escola que não faz parte do grupo dos populares, mas também não é

socialmente isolado. O filme resgata a fórmula tradicional dos filmes de *makeover* quando Bianca decide que, para atrair a atenção e o afeto de Toby, precisa deixar de ser vista como uma D.U.F.F. Ela entende que a classificação pode ser um obstáculo em sua jornada e pede ajuda a Wesley para mudar a situação.

Wesley preenche os requisitos de um galã clássico de filme adolescente. Ele é atraente, popular e tem aptidão nos esportes, mas não apresenta bom desempenho na escola. Apesar de ser conhecido por Bianca desde a infância, eles se afastaram com o passar do tempo por fazerem parte de círculos sociais distintos. Sua ex-namorada, Madison (Bella Thorne), é igualmente bela e popular, e cumpre o papel de antagonista na trama. Wesley precisa de uma nota boa em uma prova para poder continuar no time da escola, então Bianca se oferece para estudar com ele se, em troca, ele ajudá-la a conquistar Toby.

Assim, começa o processo que poderia ser o *makeover* de Bianca - mas não foi. Ela e Wesley vão ao shopping e ele então começa a compartilhar dicas sobre como cuidar da aparência, usar as roupas íntimas certas e se vestir de maneira que expresse sua personalidade. A cena remete a mais um ponto importante da cultura do *makeover*: o fenômeno Pigmalião, no qual o homem, em uma posição superior na hierarquia social, se propõe a ajustar o visual da mulher de acordo com as próprias referências de beleza e estilo. Percebendo o caminho que Wesley começara a traçar, Bianca o interrompe, dizendo que se quisesse dicas de moda, teria recorrido às amigas. Era de conselhos sobre como agir ao redor de Toby que ela precisava.

Wesley então sugere que ela tente se levar menos a sério e a desafia a abordar alguns rapazes no shopping, a agir de maneira espontânea, a sorrir mais, para receber uma resposta mais positiva dos homens. A premissa de que a felicidade é uma ferramenta poderosa de atração já faz parte do senso comum, mas é mais particularmente marcante no cotidiano das mulheres. A prática dos homens de dizer a elas que sorriam tem sido questionada por diferentes vertentes do movimento feminista.

Em um artigo sobre o tema para a revista feminina Harper's Bazaar, a escritora Jennifer Wright aponta que, apesar de muitas alegarem que estão simplesmente sendo educados, um homem jamais dirá ao outro para sorrir. Essa dinâmica só é imposta às mulheres. "Não importa o que uma mulher está fazendo, homens em algum lugar vão dizê-la que seria melhor (para eles) se ela sorrisse. Ela ficaria mais bonita. Ela seria menos

assustadora." (WRIGHT, 2017)⁵⁴ Ela observa que os homens, de forma geral, têm o direito de expressarem outras emoções. No entanto, a felicidade - ou pelo menos o contentamento - é esperado das mulheres de uma forma mais generalizada. Ela recomenda, com ironia: "sorria. Abandone qualquer emoção que possa não proporcionar prazer a todos os homens. Esteja profundamente feliz com a presença dos homens [...]. Não tenha qualquer outra emoção senão essa alegria." (WRIGHT, 2017)⁵⁵ É o que Bianca tenta fazer. Enquanto pratica conversas com homens aleatórios no shopping, ela se esforça para não revelar sua insegurança, sua falta de experiência e seu desconforto diante do desafio.

A aproximação entre Wesley e Bianca fere a hierarquia de popularidade da escola. Por isso, desagrada Madison, que recebe de uma amiga filmagens da tarde de compras da dupla. Em uma tentativa de reorganizar a pirâmide social e lembrar Bianca de sua posição nessa estrutura, ela seleciona as partes mais constrangedoras, em que Bianca dança, posa com manequim e confessa sua paixão por Toby, e monta um vídeo que é repassado para toda a escola e transforma Bianca no centro das atenções.

O compartilhamento do vídeo não é apenas uma brincadeira de mal gosto; o ocorrido a faz de Bianca uma vítima de cyberbullying. No dia seguinte, sua exposição é o principal assunto entre os alunos. O diretor da escola recolhe os telefones de todos estudantes para tentar descobrir o responsável mas, sem sucesso, acaba tendo que devolver os aparelhos. Assim como as demais heroínas dos filmes de *makeover*, esse momento de humilhação é importante para a trajetória de Bianca. Ele a torna mais vulnerável, mais sofredora e, por isso, mais "merecedora" de uma recompensa - que, no contexto dos filmes adolescentes, é representada pelo interesse romântico ou pela popularidade. É a partir de seu momento mais "baixo" até então que ela começa sua sinuosa jornada rumo à superação.

Wesley e Bianca se desentendem a respeito do vídeo e ele se desculpa por não ter tentado impedir que ele se espalhasse por todo o colégio. Sabendo que a situação de Bianca é delicada, ele recomenda que ela confesse seus sentimentos por Toby e converse honestamente com ele sobre o assunto. Com a sensação de que não tem nada a perder,

⁵⁴ "No matter what a woman is doing [...] men somewhere will tell her that it would really be better (for them) if she smiled. She would look prettier. She would be less scary." WRIGHT, Jennifer. **The Politics of Smiling as a Woman**. Harper's Bazaar, 21 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.harpersbazaar.com/culture/features/a22162/stop-telling-women-smile-not-smile/>>. Acesso em: 11 jun. 2018. Tradução do autor.

⁵⁵ "[...] smile. Abandon any emotion that might not give all men pleasure. Be thoroughly delighted by the presence of men or their offspring. Have no emotions but this delight." Tradução do autor.

Bianca segue seu conselho e convida Toby para um encontro, surpreendendo-se quando ele aceita. Empolgada, ela decide contar para Wesley sobre a novidade mas, quando ela vai buscá-lo para estudarem juntos, vê que ele está chateado com as brigas dos pais e o consola.

A maneira como Wesley é representado repete outro estereótipo dos filmes de *makeover*: o do príncipe encantado que sofre na vida privada. Apesar de ter uma aparência considerada "bela" e ser popular, cumprindo os dois pré-requisitos mais tradicionais para a conquista da felicidade nas tramas *teen*, seu reinado tem fim nos limites da escola. Em casa, ele apresenta uma faceta mais vulnerável de sua personalidade, onde tem dificuldade com as notas e sofre com um ambiente familiar conturbado. Nesse momento, ele se assemelha mais a um adolescente real do que a uma celebridade, como normalmente são considerados os alunos populares, e se mostra mais parecido com Bianca do que nunca.

Em uma tentativa de consolá-lo, ela o leva para seu local secreto favorito, uma pedra escondida no meio do bosque próximo a suas casas. Lá, eles conversam sobre medos e angústias, ela fala sobre o divórcio de seus próprios pais e consola Wesley sobre a situação de sua família. Pegos pelo sentimento do momento, eles acabam se beijando, no que poderia ser o momento de triunfo da heroína. No entanto, Wesley desconversa e alega que era só por prática, para que ela não ficasse nervosa quando saísse com Toby. A cena é filmada pela amiga de Madison, que resolve se vingar mais uma vez e montar outro vídeo com cenas constrangedoras de Bianca no shopping. No dia seguinte, na escola, Madison enfrenta Bianca e ameaça divulgar a filmagem, ordenando que ela se afaste de Wesley se não quiser sofrer as consequências.

Decidida a não se intimidar pelo confronto, Bianca se prepara para o encontro com Toby. Esta é a primeira cena em que ela parece dedicar alguma atenção a sua aparência e tenta se vestir de maneira mais arrumada do que o normal para a ocasião. Esse pode ser considerado o momento em que ela realiza enfim seu *makeover*, mas há uma diferença central em relação ao formato tradicional do gênero: nenhuma das alterações que ela faz na aparência é duradoura.. Ela usa uma roupa mais arrumada, prende o cabelo em uma trança e aplica maquiagem, mas todos esses elementos são temporários. Nenhum deles passa a fazer parte de seu visual permanentemente.

Sua escolha para a grande noite é um vestido preto simples que ela havia gostado quando foi ao shopping com Wesley e que ele, mais tarde, a presenteara. Ela mesma revela que, naquele momento, achava que seria magicamente transformada pela roupa nova, sapatos de salto e um penteado especial e se surpreende ao ainda se reconhecer como a mesma pessoa. "Na minha cabeça, esperava que fosse uma grande revelação, como em um reality show. Mas era só eu em um vestido."

Essa cena demonstra uma metalinguagem a respeito dos filmes de *makeover*. Como uma adolescente em 2015, Bianca cresceu na época em que o gênero fez mais sucesso, na primeira década do século XXI, e provavelmente tem alguma familiaridade com seus principais títulos. Por isso, baseando-se na trajetória das heroínas desses longas, ela cria a expectativa de que um novo visual - mais adequado ao padrão determinado pelas meninas consideradas "belas" na trama - a faria se sentir diferente. No entanto, após sua "transformação", ela percebe que sua individualidade vai além de sua aparência - e naquele momento, isso não é visto como algo positivo, mas como uma realidade da qual ela não consegue escapar.

Ao sair de casa, ela encontra com Wesley, que mostra com orgulho sua nota alta na prova e agradece pela ajuda. Quando Bianca pede uma opinião sobre seu visual, ele hesita ao responder que "Eu só queria dizer que você está bonita, mas não parece você". Wesley logo retira o que disse e a apressa para sair, desejando-a sorte. Confusa mas determinada a ter uma boa noite, Bianca vai até a casa de Toby., onde é surpreendida ao ver que ele havia preparado sushis caseiros para o jantar.

Ao longo da noite, eles se conhecem melhor e ela tenta colocar os conselhos que recebe de Wesley em prática, mas não consegue para de pensar no amigo. Durante a conversa, Toby começa a perguntar sobre Jessica e Casey, o que deixa Bianca desconfiada. Quando ele diz que um amigo está interessado em saber se elas têm par para o baile da escola, Bianca percebe que ele a está usando como uma D.U.F.F., para tentar se aproximar de suas amigas. Ela então entende que todo o seu esforço foi em vão, e que há diferenças entre ela e as amigas que roupas novas não podem disfarçar aos olhos de Toby. Profundamente magoada, ela decide ir embora e mandar uma mensagem para Wesley sobre o ocorrido. No caminho para casa, ela vê o vê em um momento íntimo com Madison em sua pedra secreta.

Quando Wesley vai até sua casa mais tarde para consolá-la, Bianca revela o que viu e o manda ir embora. Deprimida, ela decide fazer as pazes com Jessica e Casey e desabafar sobre sua situação. Dessa vez, são elas que cumprem o papel de fadas madrinhas, ajudando a amiga a criar um vestido personalizado para o baile da escola que combinasse com sua personalidade e a fizesse se sentir linda de seu próprio jeito. Para isso, elas usam a camisa de flanela favorita de Bianca e o vestido dado a ela por Wesley, cortando e costurando as peças para criar uma roupa única como ela.

O baile é a segunda cena de *makeover* de Bianca, utilizando novamente elementos de caracterização temporários para adaptar seu visual tanto ao padrão de beleza quanto ao código de vestimenta da ocasião. Seu visual de festa inclui cabelos escovados e perfeitamente penteados, maquiagem forte, saltos altos e seu novo vestido personalizado (ver anexos H e I). A imagem transmitida é de que ela está mais arrumada do que de costume, mas ainda é a mesma pessoa. Retomando a fórmula do *makeover*, Bianca realiza uma entrada triunfal com as amigas, atraindo os olhares de todos os demais alunos quando passa pelas portas do ginásio, incluindo Wesley.

Tradicionalmente, o *makeover* nos filmes tem três efeitos: atrair a atenção de um homem, proporcionar confiança à protagonista e aumentar sua popularidade no meio em que vive. Apesar de Bianca não ter sua popularidade diretamente afetada por seu novo visual, ela é percebida de uma maneira diferente pelos colegas nesse momento. Enquanto caminha em direção a Wesley, uma estudante elogia seu vestido e Toby tenta abordá-la para uma conversa, mas é rapidamente dispensado. Quando ela relata sua experiência como D.U.F.F. no jornal da escola, sua história viraliza e inspira outros jovens a se abrirem sobre suas histórias. De certa forma, pode-se dizer que ela sai da invisibilidade.

Os outros dois efeitos ficam ainda mais claros nessas cenas finais do filme. A confiança de Bianca é perceptível desde o momento em que ela aparece no salão do baile. Andando com postura ereta, cabeça erguida e passos firmes, é notável que ela se sente segura e bonita naquele momento. É essa segurança que a leva a procurar Wesley e confessa seus sentimentos por ele, que fica sem reação a princípio. Madison vê os dois conversando e ameaça mais uma vez publicar o vídeo ridicularizando Bianca, o que só fortalece o argumento de que o *makeover* realmente pode afetar e provocar inveja nas mulheres ao redor da personagem. Dessa vez, a ameaça não é suficiente para intimidar

Bianca, que afirma não se incomodar mais com a polêmica, ter conquistado mais autoconfiança e que não acreditar nas palavras maldosas da até então rival.

É nesse momento que Wesley começa a reconhecer e admitir para si mesmo a atração que sente por Bianca. Para Ford e Mitchell (2004), isso não é uma coincidência. Elas afirmam que, de uma forma geral, o príncipe precisa ver a heroína atingindo seu potencial máximo de beleza e atratividade para reconhecer seus sentimentos por ela. "O ponto principal da transformação, no entanto, ainda é a natureza da beleza feminina. Porque o Príncipe geralmente reconhece Cinderela apenas quando ela está ricamente vestida." (FORD & MITCHELL, 2004, p.4)⁵⁶

Ao final do filme, Bianca cumpre sua jornada de heroína adolescente. Ford e Mitchell associam o *makeover* a uma proposta de vingança em alguns dos filmes que analisam (p. 88) e essa narrativa se faz presente em "The DUFF". Enquanto ela e Wesley terminam a noite juntos e felizes, Madison sobe ao palco sozinha para receber a coroa de rainha do baile. A cena reforça a premissa de que, se a felicidade é uma competição, há sempre vencedores e perdedores, e é a heroína quem leva o título nessa história.

Quando comparamos "The DUFF" aos outros títulos clássicos do gênero de *makeover*, as semelhanças ficam claras para o público. A protagonista preenche os pré-requisitos de timidez, bom caráter, aparência desleixada, personalidade forte e paixão não correspondida que são essenciais para a criação de sua imagem carismática e "merecedora" tanto de uma transformação quanto de um final feliz. O interesse romântico também respeita o padrão, contando com uma aparência atraente, popularidade, problemas familiares e sentimentos ainda não explorados pela heroína. Até o próprio *makeover* obedece às regras do gênero, contando com a orientação de pessoas que estão no patamar de atratividade e aceitação que ela deseja ocupar.

No entanto, o filme também é marcado por sua abordagem humorística e autocrítica da cultura da beleza como um todo. Essa postura é visível na abertura, quando Bianca afirma que os estereótipos não se aplicam mais à realidade dos adolescentes logo antes de se sentir inferiorizada por um desses estereótipos, ou quando se decepciona ao perceber que roupas novas não foram o bastante para transformá-la na garota que achava que

⁵⁶ "The crux of the transformation, however, is still the nature of female beauty. Because the Prince usually recognizes Cinderella only when she is richly dressed" Tradução do autor.

precisava ser. Mesmo nas cenas em que está bem arrumada, Bianca ainda não está no mesmo nível da escala de atratividade que suas amigas ou sua "rival", por exemplo.

Podemos concluir que "The DUFF" cumpre o propósito de resgatar o gênero *makeover* com uma perspectiva mais atual e menos idealizada do padrão de beleza. A trama se esforça para apresentar mais representatividade, humor e profundidade em seus personagens. No entanto, não consegue escapar da construção de um relacionamento possibilitado pela repaginação do visual, ainda que tenha seguido um percurso diferente para chegar nesse resultado. Sobre esse final quase inescapável, Ford e Mitchell observam: "Certamente, as personagens femininas [...] acabam percebendo seu valor como pessoas, quer seu ambiente de aprendizado seja os corredores do ensino médio, os campi de faculdade ou estradas do rock'n'roll. Seus *makeovers* físicos, no entanto, essencialmente as garantem popularidade e um príncipe bonitão." (2004, p. 90)⁵⁷

Por um lado, a mensagem de aceitação que o filme transmite é bastante atual e apresenta uma alternativa mais realista e representativa aos filmes adolescentes tradicionais, sobretudo os do gênero *makeover*, ao abrir mão da relação entre beleza ideal e felicidade. De fato, após conquistar o coração de Wesley, Bianca aparece em sua última cena com sua aparência original, sem qualquer uma das alterações que experimentou durante o filme. "Na narrativa do filme de *makeover* moderno, o homem precisa perceber a impossibilidade de seu ideal e aceitar a 'imperfeição' não apenas como real mas preferível. Ele precisa aprender, em suma, a não tentar mudar as mulheres mas aceitá-las como são" (FERRISS, 2008, p.43)⁵⁸

Para reforçar essa lógica, a jovem inclusive termina o filme afirmando que a vida "não é sobre popularidade ou ficar com um cara. É sobre entender que não importa qual rótulo seja colocado em você, só você pode definir a si mesmo". No entanto, a verdade é que o triunfo de sua trajetória situa-se justamente no fato de que ela conseguiu atingir todos esses objetivos. Se nos filmes de *makeover* a felicidade é conquistada a partir da

⁵⁷ "Certainly, the female characters [...] come to realize their value as people, whether their learning grounds are high school corridors, college campuses or rock'n'roll highways. Their physical makeovers, however, essentially gain them popularity and the hunky Prince." Tradução do autor.

⁵⁸ "In the modern makeover film narrative the man must realize the impossibility of his ideal and accept 'imperfection' as not only real but preferable. He must learn, in short, not to attempt to change women but accept them as they are." FERRISS, Suzanne. Fashioning femininity in the makeover flick. In: FERRISS, Suzanne; YOUNG, Mallory (Ed.). **Chick Flicks: Contemporary Women at the Movies**. Nova York: Routledge, 2008. p. 41-57. Tradução do autor.

beleza e do pertencimento (em um relacionamento ou em um círculo social), o mérito de "The DUFF" fica por conta da diminuição do papel da beleza nessa equação. Apesar disso, ele não consegue separar a felicidade do pertencimento, uma vez que a protagonista só tem um final feliz depois que seu artigo se torna um sucesso e seu interesse romântico corresponde aos seus sentimentos. Bianca pode até acreditar que sua felicidade se deve apenas à sua recém descoberta autoconfiança, mas ela aparece em sua última cena a caminho de um encontro com Wesley por um único motivo: por mais repetitiva que a trama do amor perfeito seja, ela continua vendendo.

5. CONCLUSÃO

A busca pela perfeição física faz parte da realidade do ser humano há muitos séculos. Conforme o ideal de beleza mudou ao longo da história, os critérios para obtenção do título de "belo" também se transformaram. No entanto, seu valor perante a sociedade permanece intacto através dos anos. Apesar da subjetividade dos critérios de beleza, elegância e atratividade, eles são utilizados até hoje para julgar, comparar e classificar as pessoas de acordo com uma escala de valores que define o belo como "bom" e o feio como "ruim".

De uma forma geral, a beleza ideal feminina está intimamente ligada às definições de feminilidade e riqueza. O padrão usado como referencial valoriza uma mulher de aparência jovem, caucasiana, com cabelos lisos, roupas de marca e postura sofisticada, no sentido de que esses critérios são responsáveis pela exclusividade do status de "bela". Por isso, na vida da mulher contemporânea, o conceito de beleza também está diretamente relacionado à noção de mobilidade social, englobando as ideias de popularidade, sucesso, desejo e felicidade. "Bela" é, portanto, a mulher que tem tudo. Seguindo essa lógica, quem não atinge esse patamar de adequação ao padrão dificilmente terá acesso aos outros benefícios associados a ele.

Na mídia, observamos diversos exemplos de celebridades que alteraram a aparência ao longo dos anos para acompanhar sua mudança de status. A ex-atriz americana Meghan Markle, que se tornou duquesa de Sussex ao se casar com Príncipe Harry, do Reino Unido, é um exemplo que uma mulher cujo visual se transformou com o decorrer do tempo de acordo com suas ocupações. Essas mudanças, no entanto, não contrariam o posicionamento feminista da duquesa; elas simplesmente fazem parte da realidade da mulher na sociedade contemporânea. De uma adolescente com cabelos crespos e guarda-roupa casual ela virou uma atriz de sucesso com cabelos alisados e trajes modernos. Como membro da realeza britânica, ela agora veste roupas sofisticadas e de comprimentos conservadores, que a adequam a um perfil europeu e aristocrático. Meghan representa um exemplo marcante da combinação do ideal contemporâneo projetado para a imagem da mulher com o estilo clássico e atemporal de um padrão de beleza de certa forma antiquado. Cada um de seus visuais foi composto para se adaptar à sua realidade em determinada fase, mostrando que o *makeover*, portanto, nunca chega ao fim.

É essa cobrança constante que leva Ford e Mitchell a afirmarem que "Vivemos em uma cultura que clama pela perfeição feminina" (2004, p.207).⁵⁹ E é na tentativa de saciar essa demanda que é a cultura do *makeover* ganha força. Em sua relação com o acesso à ascensão social, o fenômeno também estabelece uma forte ligação com o consumo. A ideia central é parecer rico e popular para só então se alcançar efetivamente esses privilégios, com a beleza e o estilo no papel de legitimá-los. Nesse contexto, pior do que "ser pobre", "ser socialmente excluído" ou "ser cafona" é parecer todas essas coisas. Por isso, de uma forma geral, a beleza ideal corresponde a uma aparência que aproxime o indivíduo de um grupo mais privilegiado.

No cinema, o poder transformador do *makeover* para além das alterações fisionômicas faz dele uma experiência praticamente mágica. Talvez pela forte influência de "Cinderela" no estabelecimento das etapas desse processo, talvez pela forma quase caricata que o visual parece influenciar a maneira como as personagens se enxergam e são vistas pelos outros. Essa dinâmica é ainda mais visível nos filmes voltados para o público adolescente, já que eles têm proporcionam a oportunidade de experimentar com temáticas mais lúdicas e dramas distanciados da rotina de um adulto comum.

Os filmes *teen* foram os selecionados como objetos de estudo neste trabalho porque são uma boa ferramenta de análise do impacto do *makeover* na vida dos personagens. Isso se dá porque, como vimos, a aparência ganha um peso maior nessa faixa etária por ser um dos únicos aspectos da vida sobre os quais o jovem tem controle. Cada um dos longas escolhidos traça sua própria trajetória para definir o conceito de beleza de seu tempo e demonstrar os efeitos dessa definição na socialização dos estudantes. Por meio das cenas de *makeover*, essas obras conseguem reproduzir a jornada de Cinderela em busca de seu príncipe e seu final feliz inúmeras vezes, trocando o vestido de baile por roupas da moda, a fada madrinha por uma amiga com senso estético apurado e o grande baile pelos corredores do colégio.

Nos filmes adolescentes, a lógica é de que a felicidade depende da combinação de beleza, aceitação e popularidade, todos diretamente afetados pelo senso de identificação de cada indivíduo. Nesse contexto, o *makeover* é usado como uma ferramenta para

⁵⁹ "We live in a culture that clamors for female perfection." Tradução do autor.

proporcionar acesso a esse universo. Ao "corrigir" o visual da protagonista, ele atua como uma ponte entre a vida que ela tem e a que ela sonha em ter. Em outros casos, é ele que oferece a essa personagem a oportunidade de admitir para si mesma que tem esses anseios por adequação e acolhimento, especialmente em casos como "Ela É Demais", em que a heroína rejeita os conceitos de popularidade e romance porque questiona o real valor deles. Quando tem sua aparência transformada, ela começa a se abrir para essas outras novidades. Entendendo que esse desejo é muito presente na realidade dos jovens, é justificado o fascínio do público com a premissa de que a realização desse sonho é possível.

Apesar de sua aparente superficialidade, o *makeover* tem altos riscos: a própria vida da mulher é transformada. Como tal, os filmes de *makeover* são um subgênero confiável de filmes tipo chick flicks, onde mudanças externas superficiais são sinais de uma transformação moral interna: a protagonista admite que precisa de amor e companheirismo, apesar de seu aparente compromisso com a independência social e intelectual. (FERRISS, 2008, p.41)⁶⁰

Este trabalho se propôs analisar os efeitos concretos do *makeover* na socialização dos adolescentes. Na maior parte desses filmes, a transformação física é uma maneira de aumentar a popularidade da protagonista. No entanto, pudemos observar que ela sozinha não é suficiente para garantir uma mudança efetiva no status social do indivíduo. Mesmo após ser considerada bela, a jovem ainda precisa apresentar um comportamento que combine com o grupo que está tentando integrar. Sem esse elemento, ela pode até receber mais atenção dos rapazes ou frequentar alguns eventos daquele círculo social, mas jamais será realmente parte dele. É preciso empenho e dedicação contínuos para estar nos locais certos nos momentos certos com as pessoas certas para manter o status; caso contrário, como esse título é baseado em conceitos volúveis, o espaço é rapidamente ocupado por outras pessoas. O *makeover* pode proporcionar um certo nível de aceitação e adequação, mas a popularidade em si é mais exigente - e menos duradoura.

"O Diário da Princesa" é uma obra que deixa essa questão clara ao mostrar que Mia não se torna popular ao adotar um visual mais parecido com o das líderes de torcida. Como essa semelhança - e a transformação de um modo geral - não foi uma escolha sua, ela não

⁶⁰ "Despite its apparent superficiality, the makeover does have high stakes: the woman's life itself is transformed. As such, makeover movies are a dependable subgenre of chick flicks, where superficial external changes are signs of an internal moral transformation: the female protagonist admits she needs love and companionship despite her apparent commitment to social and intellectual independence." Tradução do autor.

mudou sua atitude para acompanhar a nova aparência. Sendo assim, continuou sendo socialmente "deslocada" até seus colegas descobrirem seu título de nobreza.

No entanto, podemos afirmar que sem o *makeover* a popularidade também não seria conquistada nem mantida pelas personagens ao longo da trama. A formação de grupos, na sociedade como um todo mas sobretudo no ambiente de *high school*, é fortemente baseada na identificação de seus membros, e esse aspecto depende diretamente da aparência. As pessoas só passam a enxergar e tratar um indivíduo como membro de uma comunidade quando ele se parece com o restante do "clube". Percebemos isso em "The Duff", em que Bianca já inicia o filme sendo amiga de duas meninas populares, mas é só depois de vê-la com um visual mais parecido com o delas que Wesley começa a enxergá-la como objeto de sua atração.

As heroínas, no entanto, não se mostram tão facilmente influenciáveis pela popularidade e pela perspectiva de um relacionamento romântico. Mesmo que em algum momento se deixem levar pelas oportunidades que aparecem quando elas se adequam ao padrão de beleza, eventualmente elas recuperam o senso de autenticidade que as destaca dos demais personagens. "Outro elemento comum entre as nossas heroínas do *makeover* é sua integridade. Para uma mulher, elas se manifestam sobre alto. Elas têm honra, e as melhores delas defendem seus amigos." (FORD & MITCHELL, 2004, p87)⁶¹

Na tentativa de estabelecer bons exemplos para sua audiência, esses filmes se esforçam equilibrar o peso da aparência em suas tramas com ensinamentos sobre autoconfiança, o valor da amizade e o poder de um amor sincero, sem interesses ocultos. Eles mostram vilãs que também têm inseguranças e príncipes que sofrem com a pressão e a rejeição, tudo em um esforço para mostrar que a atratividade não poupa o ser humano do sofrimento e das dificuldades. Nesse sentido, algumas protagonistas chegam a atingir o topo da pirâmide social para depois perceberem que aquele estilo de vida não era o que parecia e que a beleza não garantia felicidade ou amor correspondido, como acreditavam a princípio.

No entanto, essas mensagens muitas vezes são abafadas pelo fato de que, independente do quanto a protagonista questione o *makeover* e o valor da beleza ao longo

⁶¹ "Another common thread among our makeover heroines is their integrity. To a woman, they stand for something. They have honor, and the best of them stand for their friends." Tradução do autor.

da trama, no final ela acaba adotando definitivamente seu novo visual depois de testemunhar o poder que ele proporciona. A conclusão é de que, ainda que a beleza não garanta todos os benefícios que promete, ela certamente facilita a jornada em busca deles. Mesmo que o príncipe se apaixone por Cinderela por causa de quem ela realmente é, ele só o faz depois de vê-la em sua face mais bela.

A diminuição da quantidade de títulos do gênero *makeover* nos últimos anos é um reflexo de mudanças de perspectiva que ocorreram na sociedade. Hoje, a propagação em massa de ideais feministas já não permite mais a mesma abordagem que objetifica a figura da mulher nos filmes voltados justamente para esse público. A protagonista feminina da atualidade não pode mais ser tratada como uma donzela em apuros que precisa salva pelo príncipe encantado. Há uma reorganização na dinâmica desse relacionamento, que leva a mulher a exercer um papel ativo em sua jornada, tendo o interesse romântico ao seu lado como coadjuvante, testemunha e muitas vezes um prêmio por sua trajetória de superação.

"Conforme olhamos para essa nova geração de filmes de *makeover*, encontramos sinais encorajadores. [...] Nós podemos ver mais jovens heroínas com substância, inteligência, talento, compaixão e esperteza, como as personagens desses filmes. Suas transformações físicas podem começar com o propósito de atrair um objeto de interesse mas, ao longo do caminho, o *makeover* as ensina algo sobre si mesmas, dá a elas confiança e faz dela indivíduos melhores. Elas entendem o significado de amizade feminina. E acabam controlando seus próprios destinos em vez de dependerem de um homem (leia-se Príncipe Encantado) para fazer isso" (FORD & MITCHELL, 2004, p.89)⁶²

Contudo, apesar de vivermos em uma era onde a representatividade ocupa um espaço maior do que há uma década atrás, seria imprudente afirmar que o padrão de beleza não influencia mais as jovens mulheres dos tempos atuais. A busca pela aparência ideal sempre encontra novas maneiras que se difundir; no momento, isso ocorre majoritariamente por meio de curtidas em redes sociais. Mesmo com a mudanças no papel

⁶² "As we look at this new generation of makeover movies, we find some encouraging signs. (...) We may see more young heroines with substance, intelligence, talent, compassion, and wit, like the characters in these films. Their physical transformations may begin with the purpose of attracting that object of desire, but, along the way, the makeover teaches them something about themselves, gives them confidence, and makes them better individuals. They understand the meaning of female friendship. And, they end up controlling their own destinies instead of depending on a man (read Prince Charming) to do that." Tradução do autor.

e no espaço da mulher na sociedade nas últimas décadas, elas ainda são os principais alvos da cultura da beleza, do fenômeno do *makeover* e da busca pela perfeição.

Os pontos abordados, questionados e problematizados ao longo desta pesquisa são importantes para entender a influência do padrão de beleza e o apelo do *makeover* no imaginário adolescente sob um ponto de vista crítico. No entanto, é fundamental preservar um olhar que sofra o mínimo de influência possível do contexto atual na hora de fazer essa análise. Cada obra deve ser julgada sob a ótica de seu contexto histórico, não apenas para reconhecer seu valor naquele momento mas para entender porque ele já não seria mais o mesmo caso o longa fosse lançado hoje em dia. "Nós reconhecemos que esses filmes são artefatos de seus tempos e buscamos diferenças que nos indiquem que os tempos estão mudando." (FORD & MITCHELL, 2004, p.207)⁶³

A cultura do *makeover* está intrinsecamente ligada à sociedade de consumo e é ao mesmo tempo alimentada e responsável por alimentar essa estrutura. Sendo assim, é um tema que nunca terminará de ser explorado, uma vez que se renova e se expande infinitamente. Atualmente, questões como falta de representatividade racial e "gordofobia" colocam em questionamento muitas das tramas dos filmes clássicos de *makeover* e botam em cheque o futuro do gênero. Nesse contexto, ainda faz sentido usar a jornada nos moldes de Cinderela para se comunicar com as adolescentes? Como a temática da transformação pode continuar a ser explorada e adaptada para compactuar com as demandas de seu público-alvo? É possível dissociar esse gênero cinematográfico da ideia de que existem aparências "certas" e "erradas"? Essas e outras questões alimentam a busca por filmes que transmitam sinceridade e fidelidade à realidade dos jovens e continuarão, nos próximos anos, a estimular o debate ao redor do questionável mas irresistível mito da beleza ideal.

⁶³ "We acknowledge that these films are, indeed, artifacts of their times, and we look for differences (...) to tell us that the times are changing." Tradução do autor.

6. FILMOGRAFIA

AS PATRICINHAS de Beverly Hills (Clueless). Direção: Amy Heckerling. Produção: Barry M. Berg, Twink Caplan, Robert Lawrence, Scott Rudin, Adam Schroeder. Intérpretes: Alicia Silverstone, Stacey Dash, Brittany Murphy, Paul Rudd e outros. Roteiro: Amy Heckerling. Estados Unidos: Paramount Pictures / UIP, 1995. (96 min), color. Parcialmente inspirado no romance "Emma" de Jane Austen. Disponível em < <https://www.netflix.com/title/384406> >. Acesso em: 10 jun. 2017

CINDERELA (Cinderella). Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luske. Produção: Walt Disney. Intérpretes (voz): Ilene Woods, Eleanor Audley, Verna Felton e outros. Roteiro: Bill Peet, Erdman Penner, Ted Sears, Winston Hibler, Homer Brightman, Harry Reeves, Ken Anderson, Joe Rinaldi. Estados Unidos: Walt Disney Productions / RKO Radio Pictures, 1950. 1 DVD (75 min), color. Adaptação do conto "Cendrillon" de Charles Perrault.

ELA é Demais (She's All That). Direção: Robert Iscove. Produção: Peter Abrams, Richard N. Gladstein, Robert L. Levy. Intérpretes: Freddie Prinze Jr., Rachael Leigh Cook, Matthew Lillard, Paul Walker e outros. Roteiro: R. Lee Fleming Jr. Estados Unidos: Miramax Films, 1999 (95 min), color. Parcialmente inspirado na peça "Pigmalião" de George Bernard Shaw. Disponível em <<https://www.netflix.com/title/18957298>>. Acesso em: 12 jun 2017.

ESTRANHA Passageira (Now, Voyager). Direção: Irving Rapper. Produção: Hal B. Wallis. Intérpretes: Bette Davis, Paul Henreid, Claude Rains e outros. Roteiro: Casey Robinson. Estados Unidos: Warner Bros, 1942. 1 DVD (117 min), pb. Adaptação da novela "Now, Voyager" de Olive Higgins Prouty.

MENINAS Malvadas (Mean Girls). Direção: Mark Waters, Produção: Lorne Michaels. Intérpretes: Lindsay Lohan, Rachel McAdams, Tina Fey, Jonathan Bennett e outros. Roteiro: Tina Fey. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2004 (97 minutos), color. Parcialmente inspirado no livro "Queen Bees and Wannabes" de Rosalind Wiseman. Disponível em <<https://www.netflix.com/title/60034551>>. Acesso em: 14 jun. 2017

O DIÁRIO da Princesa (The Princess Diaries). Direção: Garry Marshall. Produção: Whitney Houston, Debra Martin Chase, Mario Iscovich. Intérpretes: Julie Andrews, Anne Hathaway, Hector Elizondo, Heather Matarazzo, Mandy Moore e outros. Roteiro: Gina Wendkos. Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 2001. 1 DVD (111 minutos), color. Adaptação do romance "The Princess Diaries" de Meg Cabot.

O DIABO Veste Prada (The Devil Wears Prada). Direção: David Frankel. Produção: Wendy Finerman. Intérpretes: Anne Hathaway, Meryl Streep. Emily Blunt, Stanley Tucci e outros. Roteiro: Aline Brosh McKenna. Estados Unidos: Twentieth Century Fox, 2006. 1 DVD (109 minutos), color. Adaptação do romance "The Devil Wears Prada" de Lauren Weisberger.

THE DUFF - Você Conhece, Tem ou É (The D.U.F.F). Direção: Ari Sandel. Produção: Susan Cartsonis, Joseph "McG" McGinty Nichol, Mary Viola. Intérpretes: Mae Whitman, Robbie Amell, Bella Thorne, Skyler Samuels, Bianca Santos, Nick Eversman e outros. Roteiro: Josh A. Cagan. Estados Unidos: Lionsgate / CBS Films, 2015. (101 minutos), color. Adaptação do romance "The Duff" de Kody Keplinger. Disponível em <<https://www.netflix.com/title/80015346>>. Acesso em: 13 jun. 2018

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHM-MORAWITZ, Elizabeth; MASTRO, Dana E.. **Mean Girls? The Influence of Gender Portrayals in Teen Movies on Emerging Adults' Gender-Based Attitudes and Beliefs**. Journalism & Mass Communication Quarterly, EUA, v. 85, n. 1, p.131-146, 1 mar. 2008. Trimestral. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/bba6/1cbce808472d86ad87b13d16f809b5ba39de.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2008.

BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e princípios encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney**. 2013. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://zonadigital.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/02/feminismo-e-prc3adncipes-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

CHHUON, Vichet; SCHALL, Jacqueline; WALLACE, Tanner LeBaron. **Fitting in' in high school: how adolescent belonging is influenced by locus of control beliefs**. International Journal of Adolescence and Youth, Reino Unido, v. 21, edição 4, p. 462-475, 2016. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02673843.2013.866148>>. Acesso em: 29 mai. 2017

DANCEY, Angela Clair. **Before and After: The Makeover in Film and Culture**. 2005. 265f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Inglês, Ohio State University, Ohio. Disponível em: <https://etd.ohiolink.edu/pg_10?0::NO:10:P10_ACCESSION_NUM:osu1126899524>. Acesso em: 10 jun. 2017

DENBY, David. **High-School Confidential: Notes on Teen Movies**. The New Yorker, Nova Iorque (EUA), 31 mai. 1999, p. 94. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/1999/05/31/high-school-confidential>>. Acesso em: 28 mar. 2018

ECO, Umberto (org.). **On Beauty**. London: Secker & Warburg, 2004. 438 p.

FEITOSA, Frederico Antonio. **Seletividade Teenager: A Sensibilidade Eugênica em Imagens do High School**. Cadernos de Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), v. 16, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/6775>>. Acesso em: 13 jun. 2017

FERRISS, Suzanne. Fashioning femininity in the makeover flick. In: FERRISS, Suzanne; YOUNG, Mallory (Ed.). **Chick Flicks: Contemporary Women at the Movies**. Nova York: Routledge, 2008. p. 41-57. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=n4sTnwEACAAJ&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 14 jun. 2018.

FORD, Elizabeth A.; MITCHELL, Deborah C. **The Makeover in Movies: Before and After in Hollywood Films, 1941–2002**. Carolina do Norte (EUA): McFarland, 2004. 230p.

MARTIN, Luther H.; GUTMAN, Huck; HUTTON, Patrick H. (Ed.). **Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault**. Londres: Tavistock Publications, 1988, 166 p. Disponível em: <https://monoskop.org/images/0/03/Technologies_of_the_Self_A_Seminar_with_Michel_Foucault.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2018.

FREVERT, Tonya K.; WALKER, Lisa Slattery. Physical Attractiveness and Social Status. **Sociology Compass**, Wiley Online Library, v. 8, n. 3, p.313-323, 18 mar. 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/soc4.12132?referrer_access_token=w-s-yAXx10I9mmM618RgSIIta6bR2k8jH0KrdpFOxC6751-J3OgT-J2vJtA7IGeO7iAX__ugdYvXTb2GvckoRMwWoAr8W5rLLHouk1z06JhR8t1--82m0MOhTSy3oQ-hM>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GONZAGA, Gian C.; CAMPOS, Belinda; BRADBURY, Thomas. **Similarity, Convergence, and Relationship Satisfaction in Dating and Married Couples**. Journal Of Personality And Social Psychology, Estados Unidos, Vol. 93, N. 1, p.34-48, 2007. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/a356/f9f3510c021ebf745252848a5b26252f37e4.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

GUERRASIO, Jason. **The big Hollywood romantic comedy is dead — here's what happened to it**. Business Insider, 8 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/why-movie-studios-no-longer-make-romantic-comedies-2017-8>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

KARBOWSKI, Adam; DEJA, Dominik; ZAWISZA, Mateusz. **Perceived female intelligence as economic bad in partner choice**. Personality And Individual Differences. [s. L.], p. 217-222. nov. 2016. Disponível em: <http://www.academia.edu/27069613/Perceived_female_intelligence_as_economic_bad_in_partner_choice>. Acesso em: 13 abr. 2018.

KARLIN, Lily. **How Romantic Comedies Are Failing Women (And How To Fix It)**. The Huffington Post, 7 dez. 2017. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/romantic-comedies-failing-women_n_7026302>. Acesso em: 7 jun. 2018

LOVELOCK, Michael. **The makeover trap**. Aeon, Estados Unidos, 24 jan. 2017. Disponível em: <<https://aeon.co/essays/whats-behind-the-urge-to-uncover-an-authentic-self>>. Acesso em: 6 mai. 2018.

OLIVEIRA, Taís de. **O que esconde a comédia americana: uma análise semiótica de As patricinhas de Beverly Hills**. Estudos Semióticos [on-line]. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 1, São Paulo, Julho de 2013, p. 99–110. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/esse/article/view/61251>> Acesso em 5 jun. 2017.

WARIKOO, Natasha. **In a Teenage Waistland, Fitting In**. The Washington Post, Washington, DC (EUA), 31 jul. 2005, p.B1. Disponível em: <<http://>

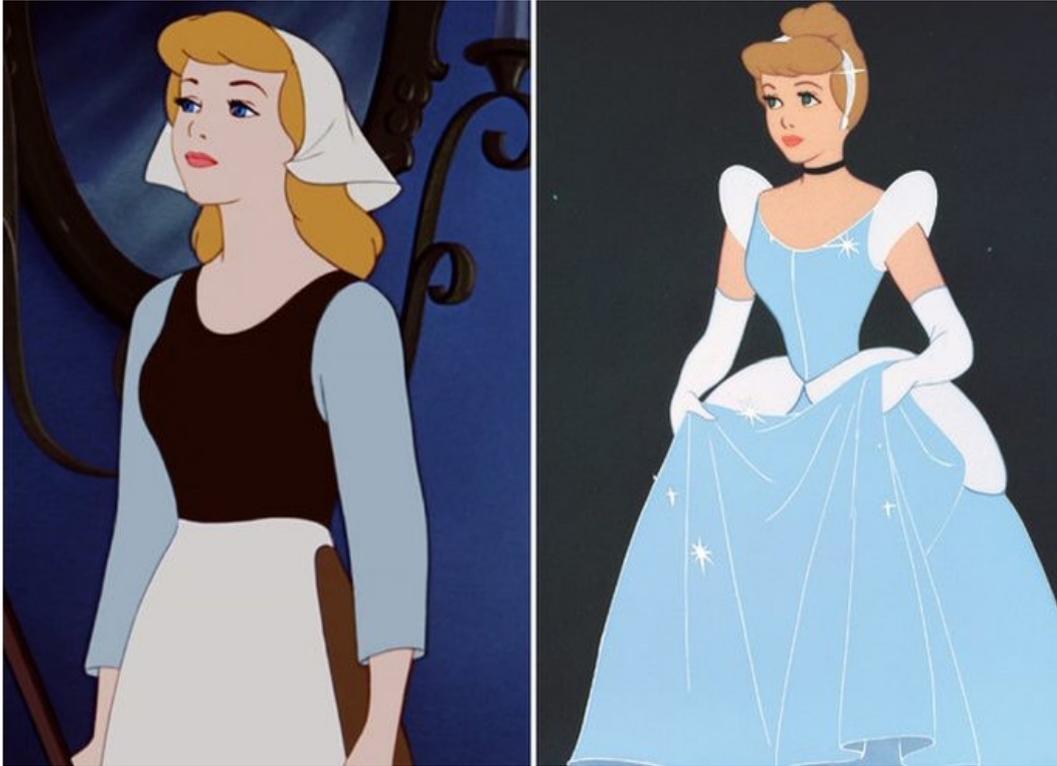
www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/07/29/AR2005072902176.html>.
Acesso em: 21 abr. 2018.

WOOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. Como as Imagens de Beleza são usadas contra as Mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1992.

WRIGHT, Jennifer. **The Politics of Smiling as a Woman**. Harper's Bazaar, 21 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.harpersbazaar.com/culture/features/a22162/stop-telling-women-smile-not-smile/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

8. ANEXOS

Anexo A: Cinderela antes e depois do *makeover* em "Cinderela" (1950)



Fonte: <https://www.instyle.com/reviews-coverage/movies/best-movie-makeover-scenes-ever>

Anexo B: Charlotte Vale (Bette Davis) antes e depois do *makeover* em "Estranha Passageira" (1942)



Fonte: <http://www.thesartorialist.com/photos/the-screening-room-now-voyager/>

Anexo C: Andy Sachs (Anne Hathaway) antes e depois do *makeover* em "O Diabo Veste Prada" (2006)



Fonte: <https://silhouettetrends.wordpress.com/2014/01/06/the-devil-wears-prada-movie/>

Anexo D: Tai Fraser (Brittany Murphy) antes e depois do *makeover* em "As Patricinhas de Beverly Hills" (1995)



Fonte: <https://www.usmagazine.com/entertainment/pictures/movie-makeovers-memorable-drab-to-fab-character-transformations-2013237/31733/>

Anexo E: Laney Boggs (Rachael Leigh Cook) antes e depois do *makeover* em "Ela É Demais" (1999)



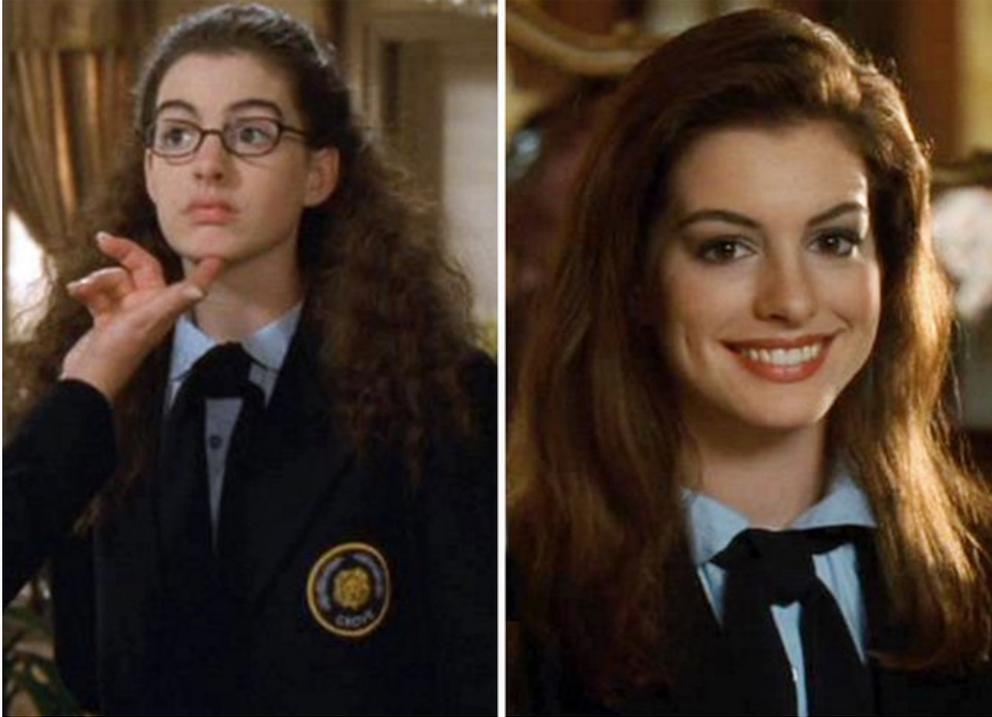
Fonte: <https://www.instyle.com/reviews-coverage/movies/best-movie-makeover-scenes-ever>

Anexo F: Cady Haron (Lindsay Lohan) antes e depois do *makeover* em "Meninas Malvadas" (2004)



Fonte: <https://www.usmagazine.com/entertainment/pictures/movie-makeovers-memorable-drab-to-fab-character-transformations-2013237/31734/>

Anexo G: Mia Thermopolis (Anne Hathaway) antes e depois do *makeover* em "O Diário da Princesa" (2001)



Fonte: <https://www.instyle.com/reviews-coverage/movies/best-movie-makeover-scenes-ever>

Anexos H e I: Bianca Piper (Mae Whitman) antes e depois do *makeover* em "The Duff" (2015)



Fontes: <http://duff.wikia.com/wiki/Bianca>
http://www.pinsdaddy.com/mae-whitman-earrings_U8xOXsF7zC%7Cf5JmSsQ923FFteRX71yJIRNuLWuAGZw/